

5

A Experiência dos Bolsistas na PUC-Rio: As Próprias Vozes.

Este capítulo fará uso das *vozes dos próprios bolsistas* para relatar suas histórias. Não que este último seja mais significativo que os demais, mas, de fato, suas falas servirão de elo para a composição da teia que vem sendo trabalhada. Claro é que a discussão acerca do tema não é definitiva, já que, em absoluto, esgotar-se-ia ao fim deste trabalho, assim como não se findaram as reflexões e as problematizações que ele suscita. Mas isso não significa que não possamos discutir, mais objetiva e criticamente, alguns aspectos que pudemos perceber e inferir sobre o assunto.

Vinte e oito (28) jovens bolsistas de Ação Social foram entrevistados – vinte (20) mulheres e nove (8) homens –, representativos das várias áreas de conhecimento da Universidade. Área das Ciências Humanas – Direito, Psicologia, Serviço Social, Comunicação Social –, as Licenciaturas – Filosofia, Geografia, Ciências Sociais, Letras e, a área das Ciências Exatas – Engenharia e Informática. Conforme já mencionado no capítulo anterior, contemplar esses vários cursos foi uma opção premeditada, na medida em que procuramos perceber suas experiências, inseridas nos contextos específicos de seus cursos de graduação.

O material das entrevistas foi gravado e transcrito. Após análise de todo o material obtido, organizamos os principais aspectos em categorias. Vamos tratá-las, portanto, sempre ilustradas pelos depoimentos dos jovens.

Conversar sobre suas experiências como universitários da PUC, significa necessariamente remetê-los às vivências antecedentes aos seus ingressos no curso superior. Grande parte dos jovens, que participou desta pesquisa, introduziu seu depoimento com relatos sobre o momento em que optou por realizar uma formação universitária e, ainda, sobre o processo pelo qual passou, antecedente à sua aprovação e classificação no processo seletivo do Vestibular da PUC-Rio.

No primeiro capítulo, foram trazidas questões sobre o quadro educacional brasileiro. Este apresenta um cenário de falta de oportunidades de acesso à educação de qualidade para a grande massa de jovens de baixa renda, de quase todo o país. Grande parte deles não dispõe de condições suficientes para competir com os jovens das “elites” (que, em contrapartida, têm como certo e inquestionável, na maioria esmagadora dos casos, o ingresso no curso superior). O que chamamos de ‘condições suficientes’ – aliás, vai desde o ensino de base qualificado até recursos financeiros para custeio de material didático, transporte, alimentação, dentre outros aspectos. Não é sem razão que os jovens, provenientes de uma elite econômica, ocupem as vagas das instituições de ensino superior gratuitas, além das privadas de maior qualidade e de prestígio social. Neste caso, fica a cargo da grande maioria de jovens de origem popular inserir-se no mercado de trabalho, ocupando as oportunidades de emprego que exigem menor escolaridade e realizando atividades que necessitam menos da habilidade intelectual do que de outras, como a força física, atividades mais burocráticas etc. Estas atividades laborativas costumam ser menos valorizadas no mercado de trabalho e, portanto, com remunerações menores.

Se, por um lado, estes jovens não alcançam o curso superior pela falta das várias condições já sabidas, por outro, a maior parte deles acaba por não acreditar na possibilidade de enveredar por outros caminhos e exclui a formação superior do rol de possibilidades para um projeto de vida futuro.

Os estudantes universitários de origem popular da PUC, personagens centrais deste trabalho, “decidiram”, entretanto, contrariar as expectativas e as estatísticas. E é já neste momento, no da tomada de decisão, que suas caminhadas têm seus pontos de partida.

Os primeiros fatores recorrentes nas falas dos jovens e que, segundo percebemos, diferenciaram as trajetórias, foram *‘os objetivos que os teriam motivado a se aventurarem pelos caminhos do ensino superior.’* Ainda que cada história seja diferente da outra, pudemos perceber dois grandes objetivos, em torno dos quais os jovens encontrariam motivação para buscar o ensino superior.

A expectativa de ascensão e transformação individual pelo viés educativo – nos sentidos financeiro, de status social e de crescimento pessoal –, certamente é a mola propulsora de todos. É unânime, no caso destes jovens, perceber na educação uma “oportunidade” de mudança de vida em vários aspectos além, evidentemente, de

oportunidade de ascensão sócio-econômica. Alguns já tinham certa inserção em projetos sociais nas comunidades, em Igrejas e o conhecimento – propiciado pela formação superior – adviria como subsídio a estas atividades, além da possibilidade de um *status* maior através da obtenção do título superior. Algumas falas demonstraram o que representaria, para alguns deles, o ingresso na Universidade:

Eo/27¹ - Eu cheguei a parar o ensino médio, parei de estudar e fui trabalhar... só que, um ano depois de trabalho eu parei e falei: ‘Não vou conseguir nada na vida se eu não estudar!’ Eu larguei o trabalho, voltei a estudar e coloquei como meta pelo menos ter o ensino superior.

Eo/22 - Hoje, eu com 25... nunca imaginei que com 25 eu fosse me ver dessa maneira... eu vejo que eu estou em cima da linha, que eu tenho que correr! E(...) chegou uma hora que eu falei: ‘Se eu não começar agora, eu não vou sair disso aqui!’(...) As pessoas vão olhar seu diploma!(...) Eu quero aprender e poder crescer!

No entanto, alguns deles trazem ainda, em seus discursos, além destas motivações, um desejo de transformação social e política numa perspectiva coletiva, encontrando na formação universitária (e na expectativa de uma futura realização profissional) ferramentas capazes de promover estas transformações, o exercício da cidadania e a minimização das desigualdades sociais. Este é o caso do graduando de Comunicação Social que, quando questionado sobre o que teria despertado seu desejo de realizar uma formação superior, comenta o seguinte:

Eo/23 - Eu acho que, se você faz algo positivo, toda ação tem uma reação. Se você faz algo positivo, você tende a reverter em algo positivo pra alguém. Então, você, estando numa comunidade... de repente você está servindo de exemplo, servindo de espelho: ‘Pô, o cara está lá na faculdade, maior dificuldade, mas está lá batalhando, querendo um curso superior...’ Aquilo ali pode incentivar outras pessoas. Eu me vejo assim. (...) e eu estou lá todo dia, saindo, batalhando, com meu caderno, minha mochila e aquilo dali, por mais que seja um segundo, o cara deve parar e... ‘Pô! O cara está indo estudar... é maluco!’ (...)Mas, de repente: ‘Se o cara pode, porque eu também não posso? Vou voltar a estudar nem que seja pra sair de lá!’ Eu me vejo assim, sendo um estímulo.(...) E também pra poder melhorar... eu quero, depois da Universidade, fazer comunicação, poder levar um projeto, talvez uma rádio, de repente um projeto social pras crianças, um projeto cultural...

¹ Os entrevistados foram enumerados, de modo aleatório e suas falas serão identificadas pela sigla *Ea* – para entrevistado do sexo feminino, e *Eo* – para entrevistado do sexo masculino. Embora grande parte dos depoimentos seja extraída de um diálogo (já que a maioria das entrevistas ocorreu em grupos), alguns deles serão apresentados, aqui, isoladamente. Desse modo, notar-se-á que alguns “trechos-exemplo” são falas de apenas um estudante e outros constituem diálogos.

É neste momento, então, que se faz essencial distinguir os movimentos pré-vestibulares comunitários um dos outros. Optou-se por privilegiar os jovens necessariamente oriundos destes cursos, partindo da premissa de que as experiências dos jovens estão intrinsecamente relacionadas aos modos de organização e funcionamento destes projetos sociais.

Há alguns que têm, como proposta única auxiliar, estes jovens a serem aprovados nos processos seletivos das Universidades. São os cursos pré-vestibulares independentes. Há outros que fazem parte de movimentos sociais populares com perspectivas e filosofias que, em alguns casos, superam o objetivo mais concreto de preparar jovens academicamente para a aprovação no Exame Vestibular. Pode-se acreditar, ainda, que a passagem por estes projetos vai influenciar nas maneiras como os jovens vão lidar com as adversidades do cotidiano universitário.²

Assim, se, por um lado, não se pode afirmar categoricamente que todos os jovens oriundos dos cursos mais ‘politizados’ pretendem, com a formação superior, não somente uma ascensão individual mas, também, uma transformação sócio-política mais abrangente; por outro lado, a maioria esmagadora dos jovens, que demonstra em seus discursos e nas suas posturas cotidianas uma ideologia revolucionária e transformadora, fez (alguns ainda fazem), certamente, parte destes movimentos.³

Os depoimentos adiante demonstram o que a participação nestes tipos de movimentos sociais representa para alguns estudantes:

²Alguns dos cursos funcionam em espaços cedidos por escolas públicas, aos finais de semana. Os recursos materiais e a estrutura física destes projetos são ainda precários, embora isto seja variável de curso para curso. Os professores, em sua maioria, são ex-alunos que, mesmo após o ingresso na Universidade, permanecem em seus cursos de origem lecionando voluntariamente. Estes ex-alunos ocupam, ainda, boa parte dos cargos de coordenação. Alguns cursos exigem aos alunos o pagamento de uma taxa simbólica, com o objetivo de arcar com as despesas mais essenciais, segundo comentam alguns dos estudantes da pesquisa. Outro dado encontrado ainda é o da existência, nos projetos mais engajados politicamente – caso do PVNC e EDUCAFRO – de ‘cartas de princípios’, aonde constam, entre outros itens, normas e tarefas de aplicação coletivas. A existência deste documento e de uma perspectiva sócio-política, acaba por implicar a todos, inclusive os próprios alunos que, mesmo depois de ingressarem no ensino superior, participam e contribuem para a continuidade do projeto. Alguns jovens trouxeram relatos sobre terem que cumprir tarefas coletivas como: ajudar na arrumação das salas emprestadas pelas escolas públicas antes e após o uso, participar das reuniões ainda enquanto alunos e, mais tarde, como professores voluntários e coordenadores e, também, participarem das decisões.

³Dois dos maiores movimentos, PVNC – pré-vestibular para negros e carentes – e EDUCRAFRO – Educação e Cidadania de afrodescendentes e Carentes³ –, trazem no bojo de suas propostas ideológicas a preocupação e o compromisso de minimizar as desigualdades entre as classes sociais e as raças. Dada sua importância, o atravessamento destes cursos nas vidas e experiências dos jovens será retomado em outros momentos neste capítulo.

Ea/7 - Porque ali nós somos uma comunidade! (...)Quando a gente participa de um projeto desses, você se sente integrado numa rede que está fazendo outra coisa que o governo não está fazendo e que ninguém está fazendo. (...)Então, eu quis retornar... não só por essa coisa de retribuir mas, por porque eu quero participar de uma comunidade, de um processo democrático... eu vou fazer alguma coisa.

Ea/2 - Por ser essa conotação... de um movimento popular...

Ea/1 - Tinha uma reunião geral que era uma vez no mês, em que os prés... até hoje existe isso... (...)que todos os prés, todos os núcleos (EDUCAFRO, por exemplo) vão para a festa da EDUCAFRO, onde têm palestras, onde têm discussões, onde discutem questões. Inclusive, a vitória das cotas na UERJ foi através desse movimento também. (...)A gente tem esse momento, de está discutindo, falando, de estar levantando a problemática... é uma rede.

Ea/2 - Tem toda uma construção! (...)Como o pré é um movimento, tem toda uma questão política. Não se trata de um assistencialismo.

5.1

O Discurso do Outro como Fator Incentivador

Um segundo aspecto aparece bastante em quase todas as histórias da pesquisa. Trata-se da ‘presença de um outro elemento’, funcionando como fator incentivador. Este seria responsável pelo encorajamento (ou impulso) na luta pelo objetivo de ser um estudante universitário.

Assim, quando um jovem foi indagado sobre se haveria muitos outros, provenientes de seus espaços sociais que desejariam ingressar na Universidade, responde afirmativamente. Alega que o que faltaria para grande parte deles não seria o desejo de realizar um curso superior – nem, tampouco, pode-se acrescentar, capacidade – mas sim, oportunidade. Não temos dúvida disso e as discussões do primeiro capítulo se propuseram a demonstrar este quadro através de alguns estudiosos sobre o tema. Retomemos a questão, desta vez, nas vozes dos jovens:

Ea/2 - No início do ano (...) é assim: são duas turmas de 60. (...)O pessoal pegando cadeiras de outras salas pra poder sentar... todo mundo no colo... todo mundo meio tumultuado... dividindo a mesma mesa... maior ‘cabeçada’ mesmo! Muita gente! Um lugar muito apertado! Geralmente a gente ocupa espaço de escolas públicas. (...)O jovem da comunidade... se perguntar... ele quer! O que falta é oportunidade! Começa no início do ano aquele pessoal: 120! (...) Gente! Vai passando os meses... um arruma emprego e fica: ‘O que eu faço agora?’ E um emprego que tem que trabalhar aos sábados! Ele não tem opção! (...)Não tem pra onde correr! E empregos que trabalham aos sábados e domingos, supermercados, por exemplo, shoppings... que são obrigados a estar ali. Então, o que acontece? Começa a evasão. Pessoas que saem por causa de emprego, saem porque têm que

bancar a casa, porque não têm dinheiro pra passagem pra ir pro pré, por falta de muitas coisas!

Da mesma forma, participantes desta pesquisa também encontraram dificuldades e precisaram lidar com estes obstáculos para continuarem buscando uma vaga na Universidade. É neste sentido que se fez pertinente questionar o que os teria levado a acreditar na possibilidade de alcançarem o curso superior e/ou a resistir a tantos entraves. Pudemos extrair, de quase todas as histórias, a presença de um ‘fator’ responsável por incentivá-los a empenharem-se no alcance da meta, o qual denominamos ‘*fator incentivador*’. Estão embutidos nesta expressão desde um diretor de escola que acredita na possibilidade de sucesso de um jovem e, por conta própria, efetua sua inscrição no processo seletivo do Vestibular; um chefe de trabalho que motiva outro estudante a “alçar vôos” mais altos e o incentiva permanentemente no aprimoramento da leitura e aquisição de outros conhecimentos; até um convívio casual com amigos de outra classe social, entre muitos outros casos. Selecionamos alguns exemplos, os mais expressivos, dentre os relatados pelos estudantes:

Ea/2 - Na verdade, eu tive que fazer uma escolha muito difícil: ou eu, de alguma forma, procuro mudar essa minha história, me dando oportunidade de estudar... (...)Eu parei, voltei, desisti uma época de estudar por causa de trabalho, depois voltei, fiquei sete anos sem estudar, foi quando me surgiu o desejo de voltar(...) porque eu tava nesta escola... (...)os professores falavam: ‘Você é tão inteligente! Porque você não procura estudar mais?’ As pessoas comentavam e eu comecei a acreditar em mim! Até então, eu servia pra ser faxineira, pra ser doméstica. E esse foco foi mudando, conforme eu fui tendo contato com pessoas desse colégio. Porque eu me lembro que, no meu segundo grau, as pessoas falavam: ‘você quer ser o que? Um engenheiro? Um professor?’ As pessoas não vão falar isso... o seu destino é ser assalariado!

Ea/6 - Eu fiz o pré-vestibular. (Por vir de uma comunidade um pouco mais carente, a gente não sabe pra onde a gente vai, o que é esse negócio de faculdade...). (...) E lá eu fiquei conhecendo uma professora de espanhol que falou pra mim... E eu queria sempre fazer Letras, só que eu não queria dar aula. Ah! Vou fazer o pré e depois, quem sabe, eu vou estar dentro do curso, me interessar...(...) Eu sempre me interessei muito por línguas e ela falou que existia o curso e me explicou o que era a PUC, porque eu não conhecia a PUC. E de tanto ela falar eu fiquei interessada, comecei a pesquisar, queria saber como era, o que era...

Ea/17 - Eu estava no segundo grau, no terceiro ano. Foi o ano que eu entrei pra Federal de Química e foi até engraçado! (Risos) Foi por causa do meu diretor que eu fiz Vestibular pela primeira vez. Porque, eu entrei pra Federal de Química e era pelo rendimento. Aí eu fui pra Federal até antes do tempo. Quando eu tava fazendo a inscrição, ele: ‘Vai fazer vestibular?’ E eu: ‘Eu não!’ E ele: ‘Faz! Você tem que fazer!’ E eu: ‘Não. Mas eu não estudei, eu não quero, não tenho dinheiro!’ Aí ele: ‘Não! Você tem que fazer. Eu vou pagar

pra você!’ O diretor!(risos) Aí ele pagou e eu tirei B! Ele levantava a mão pro céu, porque, numa escola do Estado, você tirar o conceito B!? Eu tinha feito pra nutrição, depois eu fiz a prova e não passei. Quando eu entrei na Federal de Química... sabe aquele espírito das pessoas? ‘Ah! Vou fazer faculdade!’.

Eo/27 - (...) eu tive oportunidade de começar a entrar em contato com pessoas de classes econômicas superiores e, todos eles ali, os pais que já tinham o ensino superior, já queriam que seus filhos também passassem pro ensino superior, já era mesmo uma cobrança. E eu, convivendo nesse meio também eu...(...) Passou a ser uma cobrança minha também. Até porque, aquele ali é seu ambiente, são seus amigos, então você não quer ficar pra trás, também.

Houve ainda relatos apontando para o núcleo familiar como esteio motivacional, mas definitivamente este foi o aspecto menos mencionado pelos estudantes. Aliás, muitos jovens queixavam-se de que suas famílias não incentivavam seus ingressos no curso superior. Muitas delas – tendo seus membros, de um modo geral, baixa escolaridade –, viam, no ensino médio, ou até no fundamental, tempo suficiente para que os filhos encerrassem a carreira de estudantes e se inserirem no mercado de trabalho. Isto, em parte, pelas dificuldades financeiras e, noutra, talvez, por uma questão cultural.⁴ Vamos conhecer duas destas histórias e onde teriam surgido, nestes casos, os fatores de incentivo:

Ea/14 - O incentivo maior que eu tive pra entrar na Universidade foi o estágio que fiz quando estava fazendo segundo grau técnico. O meu supervisor... (...)era uma pessoa(...)que tinha uma visão de mundo muito legal. Lia sobre tudo, levava as discussões pra gente fazer junto com ele... (...) e ele sempre falava pra gente fazer a Universidade, da gente buscar, de ver o pré-vestibular porque era fundamental. Em casa eu não tinha esse incentivo porque, pro meu pai e pra minha mãe... eu terminei o segundo grau tava bom. Pra minha condição social (...) era o máximo! Terminei o segundo grau e já tava trabalhando, então já tava legal! Muito até por falta de informação e... como fazer pra viabilizar se eu quisesse fazer a Universidade?

Ea/13 - No meu caso, foi um pouquinho teimosia. (...) Quando eu acabei a oitava série, eu ouvi do meu pai... (...)que não era pra eu fazer segundo grau... eu era mulher e tinha que ficar atrás do forno, atrás do fogão, fazendo comida, casar, aquelas coisas de sempre. Aí eu me revoltei, sabe. Aí eu corri atrás, fiz meu segundo grau, depois eu parei, eu fiquei quatro anos só trabalhando... não tinha certeza do que eu queria fazer(...)! No segundo grau é que nasce isso. Se não tivesse feito o segundo grau, convivido com as pessoas no segundo grau, não iria fazer faculdade...(...)É, porque, todo mundo fala... “Pô, vamos fazer o que na faculdade?” ou: “Você já decidiu?”, diziam os professores, então.

⁴ Vale salientar que isto não é uma regra. Também não se trata, aqui, de estigmatizar as famílias de baixa renda como responsáveis pelo desestímulo de seus filhos frente à possibilidade de uma trajetória universitária. Apenas a constatação de um comportamento/posicionamento de algumas famílias que pode ser, tanto resultado de uma condição financeira precária, quanto de uma questão cultural.

Os ‘fatores incentivadores’ não estiveram presentes somente no início do trajeto, atuando como “pontapés” iniciais, mas, também, durante o período em que alguns deles foram pré-vestibulandos comunitários. Desta maneira, o próprio curso pré-vestibular poderia ser incluído na lista dos incentivadores, quer atuando de forma direta ou, ainda, indiretamente. Com a permanência dos ex-alunos (recém aprovados nas Universidades), como professores voluntários nestes cursos, cria-se uma rede de comunicação entre os jovens. Uns acabam servindo de espelhos e de referências para outros. Servem de exemplos concretos de que é possível atingir a meta, mesmo com tantas contrariedades e obstáculos. A rede de apoio criada entre os jovens, em alguns destes cursos, contribui em grande escala para que os estudantes não desistam diante dos impasses e para que encontrem e criem estratégias coletivas de superação destas dificuldades. Vejamos o modo como alguns deles relatam suas experiências durante o pré-vestibular:

Ea/1 - Fora os grupos de estudos durante a semana que a gente fazia.(...) A gente se reunia porque, a gente sabia que, uma hora por semana, de cada disciplina, pra ver todas as matérias que têm no ensino médio... (...) pra gente ficava muito pouco. A gente se reunia, aos fins de semana, na casa de um dos colegas da sala que cedeu a parte de cima da laje dele. No terraço. A gente conseguiu quadro, cadeiras, doações mesmo. E ali a gente se reunia todos os dias pra estudar matemática, reforçar física e até mesmo pra ajudar os colegas. Então a gente combinou: ‘Olha, quem for bom em matemática (ou em outra disciplina) ajuda os outros que estão com dificuldade.’ (...)E a gente se reunia ali pra fazer os exercícios que o professor passava nos finais de semana(...).

5.2

Entre a Felicidade da Conquista e o Temor do Desconhecido

A aprovação dos jovens na Universidade os teria feito vivenciar, antes mesmo do ingresso, uma gama de sensações das mais variadas, apesar de algumas delas serem praticamente comuns a todos os jovens, manifestando-se de modos particulares.

O sentimento comum a todos eles é o de orgulho de terem conquistado um objetivo. Foram bastante comuns discursos de jovens afirmando que, depois do grande esforço para atingir a meta almejada, iriam-se dedicar ao máximo durante a formação universitária, aproveitando tudo o que este espaço teria para lhes oferecer. Vejamos como alguns descrevem essa relação com a PUC:

Eo/23 - (...)tem reunião, a gente está presente! Então, a gente tem esse interesse, de estar por dentro do que está acontecendo na faculdade. (...)A gente está no CA, pergunta o que está acontecendo, o que o CA está fazendo como atividade. Está tendo aula de teatro aqui, a gente está participando(...). As palestras que estão tendo pra lançamento dos documentários, a gente está participando também. Não tem em outras faculdades. Muito difícil você ver palestras que nem aqui! E as atividades extracurriculares... a gente está sempre presente! Então, além de tudo, a gente pode ‘sugar’ o máximo e a gente está ‘sugando’ o máximo da faculdade nesse sentido.

Ea/1 - Pra mim, a questão de estar aqui na PUC.. eu acho que eu estou aproveitando a PUC... o que ela tem pra me oferecer. Porque a gente sabe que tem que ter nível superior!

Ea/2 - E sugar...

Ea/1 - Sugar o que a gente puder aqui!

Em se tratando ainda do momento antecedente à entrada na PUC (quando recebem a notícia da aprovação no vestibular), o primeiro aspecto que distingue as experiências dos jovens refere-se ao sentimento de cada um em relação à própria PUC, isto é, ao *significado que o fato de ‘ser estudante da PUC’ teria na vida de cada um deles*.

O sonho de entrar na Universidade foi o maior motivador de todo o esforço realizado e a aprovação no vestibular significaria, para todos, a realização deste sonho. Entretanto, “ir para a PUC” traz significados distintos para cada um dos jovens. Alguns comentam que, já na preparação para o vestibular, tinham como alvo principal a aprovação específica para a PUC-Rio. Quase todos atraídos pela grande infra-estrutura da Universidade, aliada à possibilidade de não perderem dias letivos por conta de greves que comumente ocorrem nas Universidades públicas brasileiras. Alguns tomaram conhecimento, previamente, da possibilidade de receberem auxílios transporte e alimentação através do projeto do FESP.⁵

Para os que tinham além do sonho de estudar numa Universidade, o de serem estudantes da PUC-Rio, a aprovação e possibilidade concreta de ingresso nesta instituição significaria a concretização de dois sonhos simultâneos. A fala a seguir mostra este significado para um dos entrevistados:

⁵ Este último caso, entretanto, refere-se aos alunos que mais recentemente ingressaram na Universidade, já que, no início do projeto, o FESP atendia muito precariamente, com pouquíssimos recursos, além de não ser tão amplamente divulgado como no momento atual. Principalmente pela rede de comunicação que se estabelece entre os estudantes através dos cursos pré-vestibulares comunitários. A questão dos alunos procurarem a PUC em função da expectativa criada pelos coordenadores e professores dos cursos de que seriam automaticamente beneficiados pelo FESP, imediatamente após a entrada na Universidade, foi motivo de preocupação por parte da instituição, que iniciou um trabalho de conscientização dos integrantes dos cursos com a preocupação em não absorver tantos jovens nos projetos e no quadro de alunos bolsistas da Universidade. Ver capítulo 2 – programa de ação social na PUC-Rio.

Ea/6 - A professora de espanhol (...) falou pra mim que existia o curso e me explicou o que era a PUC(...). E (...)de tanto ela falar eu fiquei interessada, comecei a pesquisar(...). E eu comecei a querer vir pra PUC! Quando eu fiquei sabendo, até pelo contato que eu tinha com pessoas universitárias(...), eu fiquei sabendo quais eram as melhores Universidades. Você vai começando a interagir naquele meio. E eu comecei a querer entrar só pra PUC! Já virou um sonho mesmo de entrar aqui!

Ea/4 - (...)Eu fiz o vestibular pra PUC mas, fiz pra UERJ também. Mas eu, diferente da B., queria vir pra PUC! Eu não tinha noção, mas o pré-vestibular mesmo... já estava fazendo uma política do pessoal vir pra PUC! “Ah, porque é melhor! O meu curso era melhor na PUC!

Para outro grupo de jovens, os dois acontecimentos (o de ter sido aprovado e o de ser aluno da PUC), não tinham o mesmo significado. Enquanto comemoravam e se orgulhavam da aprovação no vestibular e, de estarem ingressando numa Universidade, por outro, sentiam certa frustração em não estarem indo para uma Universidade pública. Para estes estudantes, o sonho de conquistar uma vaga no ensino superior, coincidia com o sonho de ser estudante de uma instituição pública.

As razões seriam muitas, mas podemos inferir algumas delas. Alguns se baseariam na crença em uma ideologia de transformação social e política, em uma democratização do ensino público superior, de modo que as vagas das Universidades (que são gratuitas e que deveriam ser para todos), passassem a ser ocupadas também pelos estudantes das classes sociais populares.⁶ Além disso, outro motivo seria também o fato de terem que adentrar num espaço cuja maioria de alunos pertenceria a uma ‘elite econômica’. O status de ter sido aprovado no vestibular e de fazer parte da Universidade pública ainda é, para muitos, sinônimo de sucesso. A diversidade sócio-cultural, presente no corpo discente das instituições públicas, ainda é maior do que nas Universidades particulares, ainda que isto não se confirme no caso de alguns cursos de maior procura. Contudo, alguns dos jovens chegaram a comentar sobre o quanto sonhavam em fazer parte dos movimentos políticos que acontecem na Universidade pública, das reivindicações por uma Universidade democrática e igualitária. Nestes casos, ser estudante de uma Universidade pública significaria a possibilidade de um espaço de militância, dando continuidade ao que praticavam nos cursos pré-vestibulares comunitários dos quais alguns deles faziam parte.

⁶ Que acabam sendo excluídos em detrimento de uma elite econômica.

Em se tratando da influência destes cursos pré-vestibulares na escolha dos estudantes para as públicas ou para a PUC, os casos variavam. Embora tenhamos constatado, nos casos mais recentes, o incentivo destes cursos para que seus alunos procurassem a PUC (em razão da possibilidade de atendimento pelo FESP⁷), em contrapartida, outros cursos incentivariam os alunos a cursar o ensino superior público, neste caso, motivados por uma ideologia política. Houve caso de, no próprio curso pré-vestibular, ocorrer uma diferenciação e estigmatização dos estudantes que faziam parte da PUC, como se o fato de estudar nesta Universidade significasse a traição de um ideal ou algo similar a um pacto com o ‘sistema capitalista’, considerado como o maior responsável pela opressão às camadas populares.

Vejamos como teriam acontecido algumas dessas trajetórias, no início:

Ea/19 - Mas eu queria UERJ, eu não queria PUC! Eu achava que a coisa só ia se realizar se fosse numa Federal, no Fundão!(...) Não sonhava muito com Fundão não, queria UERJ! (...)Pelo nome e aí já tinha alguém que falava alguma coisa... reivindicação, sempre muita ativa... tinha uma amiga minha que estudou no CAP da UERJ... era cheio de benefícios, de agitação, de movimento em termos de direitos... então, eu queria UERJ. Aí eu fiz a PUC... Tinha uma coisa que a gente já sofria antes. Dentro do pré-vestibular, a PUC não era tão difundida pros alunos. Era uma opção, que entrava pela parceria com o curso, mas aqui dentro, a gente tinha o preconceito de quem entra pra PUC...

Eo/28 - Ainda tem um pouco...

Ea/19 - Porque tinha a visão negativa de que era mais fácil...

Eo/28 - O vestibular...

Ea/19 - ...tinha a coisa do particular e aí, se era função do Estado ou não era... é benefício ou não é... é obrigação e não é... e aí é era uma confusão! E pra quem não tava era uma oportunidade mas, ao mesmo tempo, dizer que ia tentar a PUC (...) virou alvo pra algumas pessoas!

Ea/17 - A princípio, eu tinha muita resistência em fazer vestibular pra PUC, por toda essa questão de... meu sonho sempre foi estudar em faculdade pública! Meu objetivo era esse. Mas, enfim, eu tentei passar pras públicas, fiz inscrição pra todas, fiz inscrição pra PUC, fiz pra todas e só passei pra PUC.

A necessidade de ter que conviver com um grupo social extremamente diferenciado do seu habitual e, ainda mais, numa Universidade organizada e estruturada em função de um outro perfil de estudante, também desencadeou, em grande parte dos jovens da pesquisa, um sentimento de frustração diante da necessidade de ter que estudar na PUC. Entretanto, a apreensão de adentrar num território estrangeiro e de ter que conviver neste

⁷ Ver capítulo 2 – *O Programa de Ação Social da PUC-Rio: Vozes da Instituição*.

espaço, acompanhou (neste princípio de trajeto a caminho da Universidade) não só este grupo mas, também, os demais estudantes entrevistados.

Muitos jovens se disseram preocupados também quanto ao que iriam encontrar na Universidade após o ingresso. Tinham imagens negativas⁸ sobre os estudantes ‘das elites’.

Adiante, destacam-se mais dois argumentos sobre a apreensão inicial e sobre as representações que teriam sobre o que iriam encontrar:

Ea/11 - No início, eu fiquei meio apreensiva... de pessoas... sei lá... discriminarem... Porque, esse processo de cotas, de PROUNI, já foi um embate muito longo. Eu participei da votação da lei, fui na assembléia legislativa. Porque o movimento de que eu fiz parte lutou muito pra isso! Então... como é que eles vão recepcionar a gente? Porque eles já... ‘Ah! São pessoas incapazes! Se precisam disso é porque não estudam!’ Sempre viam a gente como inferiores! E... pensava: ‘se eles chegarem na faculdade e não conseguirem acompanhar o ritmo de estudo?’”

Ea/1 - Eu soube que passei pra PUC primeiro que a X, porque eu entrei pelo ENEM. E eu fiquei feliz por já ter a certeza de estar numa Universidade mas, ao mesmo tempo, uma angústia porque... eu estou sozinha lá, sabe! O que vai ser de mim? E aí eu soube que a X. passou e, então, foi a maior felicidade!

Vejamos o próximo relato:

P⁹ - Porque você não queria vir pra cá antes?

Ea/17 - Porque eu imaginava que aqui só tinha riquinho... sei lá... UFRJ tem mais nome! UFRJ... pública... o sonho de estudar numa Universidade pública... essas coisas que a gente tem. E, por você fazer um pré-vestibular comunitário também, tem muito isso, deles incentivarem você a passar pra Universidade pública.

Portanto, os sentimentos que acometeram os jovens variavam. Alguns temiam possíveis atitudes discriminatórias por parte dos alunos de classe média/alta, pelo fato de serem bolsistas e/ou de serem de origem popular. Houve ainda a preocupação de um isolamento frente à dificuldade de interação entre estudantes de realidades distintas. Outros temiam não acompanharem o ritmo acadêmico dos demais estudantes (e isto incluía a preocupação de uma possível segregação ou rotulação por parte dos professores) e ainda sofrerem discriminação quanto à raça, numa Universidade de maioria de estudantes

⁸ Vale salientar que – mesmo como dados empíricos – os estigmas vigoram, provavelmente (pude notar isto nas aulas que participei na Graduação), tanto no imaginário dos jovens de baixa renda em relação aos das ‘elites’, quanto o inverso, levando em conta que, embora freqüentem a mesma cidade, a aproximação entre os grupos é bastante precária num contexto urbano que segrega mais do que aproxima.

⁹ P = pesquisador.

brancos. Entretanto, houve ainda aqueles que, apesar de curiosos, mostravam-se despreocupados quanto a estes aspectos. Outros depoimentos mostram mais concretamente como alguns deles relatam terem vivenciado este início:

Ea/17 - No início eu tinha um certo receio das pessoas daqui. Porque, poxa! PUC! Rico! A Universidade mais cara do Rio. Eu estava... ‘Eu? Vir pra cá?’

Ea/20 - Eu vou ser sincera com vocês: eu fiquei com um pouco de receio. Porque, antes de começarem as aulas... a visão que a gente tem da PUC é uma visão de alunos ‘elitizados’! Aí, eu fui entrar no orkut pra pesquisar... ‘vou ver quem são as pessoas...’ (risos)

Todos: (Risos.)

Eo/23 - O que eu vou encontrar por lá... (risos)

Ea/20 - O que eu vou encarar, né... (risos)

Ea/7 - Mas é uma coisa que amedronta. Quando a gente chega, quando a gente vem... a gente, que vem de uma classe mais baixa, (...)está tão acostumada na sociedade a ser rebaixada, que quando você chega aqui, você fica: ‘Meu Deus!’... Mas aí, tem aquela coisa... ‘Ah, estou numa Universidade! Não posso me deixar rebaixar.’ Mas, amedronta sim, mas (...)agora eu já estou mais tranqüila, não deixei de fazer nada, não deixei de me sentir igual a todo mundo, mas é uma coisa que complica... ‘Ah, eu sou bolsista!’ Isso, na cabeça da gente... a gente fica afirmando... ‘Não é problema! Não é problema! Não é problema!’ Mas no fundo é meio complicador sim.

Enfim, é deste modo que os jovens ingressam na PUC-Rio: acometidos por uma confusão de expectativas e de sensações (de um lado a preocupação em conviver num espaço onde prevalece uma realidade discrepante das suas próprias; de outro, um sentimento de orgulho, de sucesso e de conquista de um objetivo, mesclado ainda com um certo conflito quanto a ter que preterir suas convicções e ideologias políticas em função de uma vaga na Universidade). Citem-se, ainda, preocupações com o auto-sustento, e a conciliação entre formação acadêmica e trabalho fora do espaço da Universidade que lhes garante o sustento (entre muitos outros aspectos). E é ainda neste espaço, no seu cotidiano, que irão, efetivamente, lidar com todas estas e outras questões, através da interação com os demais atores sociais.

5.3

Um Estrangeiro no ‘Mundo da PUC’: A Construção da Identidade de Aluno

A entrada na PUC – um novo espaço de sociabilidade com culturas, formas de vida, condições sócio-econômicas específicas –, causou um grande impacto na maioria dos jovens da pesquisa. A expressão ‘mundo da PUC’ foi utilizada algumas vezes, por vários estudantes, quando comentam sobre suas primeiras experiências na Universidade.

Grande parte deles se impressiona com quase tudo. Mencionam os modos de se vestir, os gestos, posturas e gírias dos outros estudantes, os temas das conversas entre os alunos, as facilidades de aquisição material que possuem, a infra-estrutura que a Universidade oferece, os preços da alimentação nas lanchonetes etc. O sentimento de “estrangeirismo” é praticamente unânime, no princípio.

Logo, um dos aspectos que ficou mais proeminente nos depoimentos foram as sensações de não-pertencimento, de deslocamento e de isolamento. Vários estudantes deles descreveram o primeiro dia de aula como o momento de um grande reencontro de estudantes das ‘elites’. Mesmo que os alunos das classes mais favorecidas tenham estudado em colégios diferentes, identificavam-se por terem os mesmos referenciais, pelos locais frequentados, por conhecerem os colégios, seja pelos nomes ou pelos amigos. Em contrapartida, os bolsistas se sentiam – boa parte deles – sem referenciais. Segue em destaque diálogos de grupos, revivendo as sensações e as impressões que cada um dos membros teria vivenciado no momento no início:

Ea/1 - É um mundo da PUC! É algo à parte! É tudo algo à parte!

Ea/4 - Eu levei um choque porque eu não conhecia essa cultura. E eu sempre rodava no Leblon, já tinha tido aula mas era totalmente diferente do que eu imaginava!

Ea/1 - Desde a hora que a gente entra por essa porta, as pessoas são diferentes. Não têm cara de pobre... (risos). Grosso modo, andam diferentes, falam diferentes, se portam diferentes! A gente está acostumada com uma cultura popular que é a das comunidades(...), então é um universo diferenciado, porque é marcado por tradições diferentes, é algo à parte... é burguesia! É elite! Não falando de uma forma discriminatória, mas... é uma forma diferenciada... tanto o olhar quanto o falar...

Ea/4 - Uma riqueza de culturas! Pessoas de fora... estrangeiros... muitos... você... escutando o pessoal falando...

Ea/1 - Quando a X. falou que é um mundo, é porque é um mundo mesmo! Parece que é algo á parte! Não é um lugar que a gente está acostumada a lidar! Pra quem está acostumada no mundo Zona Sul, a PUC é muito família deles. Eu ouço conversa do pessoal falando. Parece que a PUC sempre fez parte... ainda mais quando eles entram aqui e vêem amigos, passam por vários colégios já tradicionais aqui da Zona Sul, e se encontram aqui na PUC. Pra gente não. A gente não tinha referência aqui. A gente sempre estudou em escola pública, então a gente tinha referências diferentes. As nossas referências éramos nós! No início a gente fica muito no vazio. Eles são muito diferentes da gente. Até a gente se adaptar e ir criando laços e vendo que a gente nem é tão extremo assim... a gente tinha muito que criar as referências!

Ea/15 - Quando você chega aqui, por mais que você saiba das desigualdades que existem, das diferenças de pensamento... a gente é minoria ainda... você é meio que...

Ea/16 - Sufocado...

Ea/15 - É, sufocado... por uma visão de mundo, por experiências que eles têm em comum, eles viajaram pros mesmos lugares, freqüentam outros lugares. E a sua referência é totalmente outra. Então você fica meio sem referência mesmo, tanto de uma pessoa pra se relacionar, quanto pra conversar. A experiência é muito diferente. Você se depara muito com essa diferença social na pele, porque o tempo todo você é lembrado de que...

Ea/15 - O papo do pessoal, no primeiro trabalho, na aula: reuniu a galera...(...)

- ‘Ah! Você estudou onde?’

Não pergunta nem o teu nome, sabe! É... aonde você mora? Onde você estudou? Aí eu falei:

- ‘No Paulo de Frontin, colégio público!

- Ah! Aonde?’

- Ali no Rio Comprido, perto da Tijuca.

- Ah! Perto do Carrece?’

É um colégio caríssimo que tem ali...

- ‘Ah tá! Sei aonde é!’

A referência não era o colégio! Era o Carrece, que o pessoal conhecia gente que tinha estudado lá. É estranho! A gente foi fazer um trabalho uma vez lá na Praça Sans Pena.(...)
Todo mundo falando de Disney, Disney... (risos), aí eu falei pra C.:

- ‘Vamos passear, vai! (risos) Vamos sair daqui!’

Porque você não tem papo pra conversar com eles! Você não tem o que falar! Então, começam a falar e você: ‘Vamos sair, estamos sobrando aqui!’

Curioso foi um acontecimento ocorrido numa entrevista com três (03) estudantes, duas delas do mesmo curso e amigas próximas. A terceira, graduanda de outro curso, havia conhecido as demais através de uma disciplina eletiva que realizaram juntas. O contato da última jovem com as primeiras dava-se, até então, de modo superficial, já que não se conheciam mais profundamente. Quando indagadas a respeito da experiência da entrada na PUC, travam o seguinte diálogo:

Ea/10 - Nossa! A minha foi traumática!(...) É porque eu não morava no Rio, eu morava no interior.

Ea/11 - É mais um ponto em comum!!!(risos)

Ea/10 - ...então eu vim pra cá e, pra mim foi meio que um choque! Eu tranquei a faculdade no primeiro semestre, fui pra casa...

P - Você morava aonde?

Ea/10 - Eu morava em largo de Muriaé, perto de Itaperuna...

Ea/11 - Aaaaah! Você morava perto dos meus parentes!(risos)

Ea/10 - Onde?

Ea/11 - Muriaé!

Ea/10 - Ai, que legal!

P - Mas porque que foi traumático?

Ea/10 - Porque eu vim pra cá, eu morava com uma amiga, mas minha mãe ficou lá, meu pai ficou lá. Eu cheguei, não conhecia ninguém, todo mundo conhecia alguém de algum lugar e, eu não conhecia ninguém.! Às vezes eu ficava no vácuo, sozinha. E depois que eu fui me adaptando. Mas, no início...

Dois aspectos chamaram atenção neste trecho. O primeiro em relação à sensação de solidão, de inadequação, de “estrangeirismo”, que uma das jovens parece ter vivenciado na entrada para a Universidade, culminando inclusive no trancamento da matrícula e no retorno para sua cidade de origem. O segundo aspecto percebido é o modo como as jovens vão descobrindo características comuns nas suas histórias de vida, nas origens e, como essa identificação deixa a impressão de um acolhimento, de uma sensação de pertencimento e de aliança entre as jovens.

O impacto da entrada na PUC foi significativo para praticamente todos eles. Porém, cada jovem vai usar uma maneira própria de lidar com este estranhamento. No caso da estudante a seguir, quando fala sobre o que mais a impressionou no momento da entrada na PUC, diz que:

Ea/5 - Mais essa questão... das pessoas mesmo! Não só pelo modo de se vestir mas, até, pelo modo de falar. A gente percebe a diferença. E várias pessoas também... eu já ouvi falar que... só pela aparência dá pra ver quem é pobre e quem não é. Então, no início(...), por não ter esse contato antes, eu me sentia bastante constrangida. Eu já sou uma pessoa tímida, então eu fiquei bastante acanhada. Não falava com quase ninguém, demorei um tempinho pra conseguir fazer uma amizade. Eu ficava observando quem eu achava que tinha mais a ver comigo, com meu ‘mundinho’. Um período mesmo de adaptação que foi mais difícil.

Pode-se perceber no trecho acima a tentativa da jovem em adaptar-se ao novo espaço, procurando aproximar-se daqueles que lhe pareciam mais com sua maneira de ser. A sensação de estrangeirismo pode ser verificada também nos próximos relatos. Vejamos as maneiras com as quais cada estudante vai-se encontrar para lidar com a questão:

Ea/15 - A entrada foi...

Ea/16 - Chocante!

Ea/15 - Foi chocante! Porque a gente vê pessoas completamente diferentes do nível social que a gente vem. Então, de início, foi muito difícil. Eu lembro quando eu cheguei na primeira aula, que eu vi aquela turma imensa! Ninguém! Aí, na outra aula é que eu fui encontrar elas (referindo-se às amigas presentes), aí eu pensei assim: ‘Ah! Agora já vai ser uma força a mais, alguém que vem do mesmo lugar que eu. A gente vai poder estar mais junto!’ Porque ter contato com as pessoas era um pouco difícil no começo.

No caso da jovem, estudante do curso de Direito, ela afirma que:

Ea/13 - É por isso que eu falo que eu sou meio estranha “no ninho”. Porque, o pessoal de Serviço Social, a maioria é bolsista. Então, no primeiro período que eu vim pra cá, eu chegava umas cinco horas da tarde porque eu não fazia estágio ainda, e eu ficava assistindo aulas com eles. Porque todas as pessoas eram bolsistas e todas as pessoas eram do meu grupo social. Só que aí você percebe que você mesmo se exclui um pouco da sua turma, da faculdade

Cumpre ressaltar que os espaços da Universidade, principalmente as salas de aula, são as arenas onde as diferenças surgem e onde os conflitos, mas também negociações, ocorrem. Os jovens entram apreensivos com o novo espaço, tão diferente de seu contexto social habitual. Além disso, são acompanhados por crenças pré-concebidas, valores antes ‘cristalizados’, assim como todos os demais atores sociais com os quais irão interagir. Houve os que salientaram que, por mais que tivessem uma representação prévia do que, supostamente, poderiam encontrar, as surpresas foram ainda maiores. Mas elas foram de todas as ordens. De um lado, corroboraram velhos pensamentos e antigas representações e, de outro, possibilitavam suas re-significações. É desse modo, estando atravessados por uma confusão de sentimentos e de expectativas, que estes jovens vão interagir com os demais atores da Universidade.

5.4

As Muitas Maneiras de Sobrevivência na Terra do Outro

Imbuídos da sensação de estrangeirismo e da preocupação com os possíveis problemas que poderiam vir a enfrentar, conforme nos fazem crer alguns dos discursos já destacados, cada jovem vai escolher um modo próprio de interagir no novo espaço. Organizamos estas maneiras em três movimentos de acordo com os modos de interação que ficaram mais proeminentes, e os denominamos *negociação*, *enfretamento* e *confronto*.¹⁰ Tais movimentos serão descritos a seguir.

Ora, como se pôde perceber, as salas de aula são os espaços de interação e de maior aproximação entre os jovens com os demais alunos e com o corpo docente. Na medida em que entram na Universidade, o primeiro dia de aula costuma ser o primeiro contato mais concreto entre estes atores sendo, sinceramente, neste momento que as diferenças vêm á tona pela primeira vez, de forma mais concreta.¹¹

Logo de imediato, algumas experiências relatadas nos levam a crer que, muito embora o estudante, oriundo de espaço popular, já venha fazendo parte do corpo discente da Universidade desde o início da implementação do Projeto de Ação Social, apesar disso, alguns membros da instituição ainda não percebem este estudante, ou mesmo, não notam, de fato, o alunado na sua diversidade. Na relação com alguns professores, as sensações de estrangeirismo e de invisibilidade dentro da Universidade acirram-se e os jovens são levados a escolherem modos próprios de lidarem com as situações.

Vejam os seguinte diálogo de um grupo de estudantes:

Ea/2 - (...)Eu lembro do primeiro dia de aula na PUC. A professora fez uma roda e ela falou que a gente olhasse um pro outro e ficamos, assim... se olhando... e ela falou... olha o discurso... a X. tava até presente: ‘Vocês podem perceber que não há nenhum negro na sala.’ E depois a professora falou assim: ‘E, com certeza, aqui também não há nenhum aluno de escola pública.’ (risos) Aí eu olhei pra Y. e falei... gente, eu não posso me camuflar aqui dentro. Eu tenho que ser o que eu sou... a questão da minha identidade! Apesar de eu

¹⁰ Organizamos as maneiras de interação dos jovens em grupos, para melhor compreensão. Contudo, não perdemos de vista o fato de que as ações são todas diferentes entre si. As maneiras e os artifícios com que cada jovem vai interagir com os demais atores, no cotidiano, são singulares.

¹¹ Pode-se ter observado isto no item anterior sobre o primeiro impacto na entrada.

ser ruiva e tudo... não interessa! Eu sou e eu tenho orgulho de ser o que eu sou. Eu comecei a entreolhar pra Y., que eu já conhecia, aí, daqui a pouco a gente levantou o dedo e ela (a professora) falou assim: ‘Pois não?’ ‘É que sou de escola pública.’ ‘Ah! Você é Pedro Segundo, CAP UERJ, UFRJ ou CEFET?’

Ea/1 - E com ar de deboche, porque ela é muito debochada!

Ea/2 - Com ar de deboche! E de perna cruzada! ‘Você é do Pedro Segundo, CAP UERJ, UFRJ...?’ Eu olhei pra ela e: ‘Não. Eu sou do Colégio Estadual André Moroá, aqui da Praça Sibélio’. E todo mundo olhando, como... assim... se fosse... um extra-terrestre que parou, que baixou ali na sala, sabe! Então, são alguns discursos que você... o quanto realmente somos excluídos a todo momento. É muito difícil.

Podemos inferir certos aspectos a partir deste trecho. Alguns jovens têm feito um esforço no sentido de fazer-se perceber pela comunidade escolar. O professor, segundo a percepção do jovem (propondo uma atividade de recepção e de reconhecimento do público para quem destinaria seu trabalho, além de uma possível tentativa de integração entre os alunos), parece não ter se dado conta – por desconhecimento ou outro motivo –, da existência de um outro perfil de estudante que, ainda que em minoria, faz parte do corpo discente da Universidade. Este estudante, por sua vez, esforça-se em fazer-se visível e em ser reconhecido como parte do espaço e, ainda, com sua postura, convoca o professor a re-significar seus pressupostos e sua visão sobre seu espaço de trabalho, seu modo de abordar os alunos e sua didática.

Estes jovens, ao que parece, colocam-se e afirmam sua identidade e origem social, mas o fazem na medida em que são ‘convocados’ pelas circunstâncias. O discurso destes e de outros que agem de modos semelhantes, apontam para um jovem que está aberto a negociações, a interações com os demais mas, quando afetado, coloca-se com suas posturas, convicções e deixa clara sua origem e lugar social. Escolhemos o termo *enfretamento* para categorizar as formas que estes jovens, especificamente, optam para lidar com as situações e construir uma identidade de estudantes dentro da Universidade. Tomemos contato, desta vez, com dois diálogos diferentes, de um mesmo grupo de estudantes:

Eo/22 - Eu, no primeiro dia de aula... no fundo da sala...

Eo/23 - Ele foi o único que falou...

Eo/22 - O professor pediu pros alunos se apresentarem e falarem qual é a origem da escola, da onde vinha e eu fui lá e disse: ‘Eu vim do PROUNI!’

Eo/21 - Tem gente que tem vergonha...

Eo/22 - O pessoal... ninguém falou...

Eo/25 - Não! Eu, no primeiro dia, falei!

Eo/22 - Aí eu: será que eu fui o único do PROUNI? Eu vim sozinho? Não tem ninguém que é do PROUNI aqui?

Eo/25 - Eu falei contigo.

Eo/22 - Falou? Ah, é! Você falou: 'Eu vim também.'

Eo/25 - Eu falei: 'Não fica com vergonha não, eu também sou!'

Eo/22 - Ah é! Você falou!

Eo/22 - Essa boa relação que a gente tem, não está restrita só no campo dos bolsistas, porque a gente também estabeleceu uma boa relação com outras pessoas da sala.

Eo/23 - É! Exato! Com outras turmas!

Eo/22 - Mesmo sendo bolsista, eu não senti... eu ouvi pessoas da própria sala que sentiram preconceito das pessoas. Eu não sei até que ponto é mania de perseguição... (...) Sentiram preconceito das pessoas dentro da nossa sala. Eu não sei até que ponto isso é (...) mania de perseguição... ela está nessa condição e sente que... qualquer maneira das pessoas de agir... já acha que é por ela ser bolsista. Mas, em nenhum momento, na sala, eu senti... e eu, de cara, já assumi que vim do PROUNI!

Eo/23 - Eu acho que isso não é motivo nenhum de inferiorização.

Eo/22 - Não é motivo mas, na cabeça das pessoas, faz a diferença..."

O que se pôde extrair destes dois diálogos de um mesmo grupo de estudantes é uma preocupação em mostrarem suas identidades de bolsistas e afirmarem seu lugar social, especialmente nos momentos em que há um convite para uma identificação. Ao mesmo tempo, uma postura de negociação com o novo espaço, abrindo-se à interação com os jovens de uma outra realidade social.

Há jovens bolsistas, por sua vez, que optam por maneiras outras de interagir e de lidar com a sensação de "estrangeirismo". A expectativa de sofrerem preconceito ou segregação por parte dos outros estudantes faz com que assumam um posicionamento vigilante, provocando, ainda, atitudes um pouco incisivas e, até mesmo, agressivas, de embate, nas situações cotidianas. Antecipando a possibilidade de um tratamento estereotipado a ser a eles direcionado, escolhem como saída o *confronto*. A palavra *confronto*, neste caso, vem carregada do sentido de conflito, de embate. Seguem dois depoimentos através dos quais os próprios jovens analisam, retrospectivamente, suas posturas quando da entrada na Universidade:

Ea/19 - Eu acho que não é só do curso X, mas vindo do pré-vestibular comunitário, no trabalho do pré-comunitário no geral. Eu acredito que boa parte deles tenha essa coisa de discutir, da posição política: Porque você está ali discutindo? Qual é o seu papel enquanto ator social? Vem muito imbricada na gente essa coisa do lugar que você vem e de querer falar sobre isso. Eu lembro, no primeiro período, um colega... com ele eu tinha uma certa amizade porque ele brincava e tal. Com outros, eu fiz verdadeiras inimizades! Porque eu queria afirmar aquilo o tempo todo e chegava a ser agressiva... de querer porque querer aquilo!

Eo/28 - No decorrer do processo,(...) no primeiro dia, no dia da apresentação, eu falei que morava na Maré, onde morreram os torcedores dos Santos (risos). O cara falou: ‘Maré, Maré, onde é a Maré?’ Aí eu falei: ‘Sabe onde morreram os torcedores dos Santos? Então, ali é a Maré!’

Todos: risos.

Eo/28 - Por isso que eu estou falando... eu... meio agressivo até um pouco nas colocações, meio ácido! Causava aquele impacto!(...)Mas, do jeito que ele tava falando, ele não conhecia a Avenida Brasil, não conhecia a Oswaldo Cruz. (...)Também, isso tava incômodo! Porque a galera tava falando que tava vindo de férias: um estava de férias em Miami, outro estava vindo da Austrália, a galera tava dentro desse tom. Eu já tava perdido, passei minhas férias na Maré! Aí, quando a galera veio: ‘Mas você mora onde?’ E eu: ‘Moro na Maré’ E ele não saber onde era a Maré!

Ea/19 - Foi... pra impactar, né.

Eo/28 - É, mas... ele tentou até amenizar a coisa. Ele ficou assim... (risos)

Ea/19 - Visivelmente... (risos)

Eo/28 - ... ele ficou parado. Aí voltou e: ‘Não! Mas na Maré também mora gente decente!’ Aí eu disse: ‘Também mora bandido! Do jeito que fala gente decente parece que é exceção, mas não é não! A exceção é o bandido! Que nem aqui, pô!’ Aí ele: ‘Não... eu não quis dizer isso não...’

As posturas coincidentes com as categorias que denominamos de *enfretamento* e *confronto*, apontam para jovens, boa parte deles com convicções políticas bastante concisas, que têm, como preocupação, a não-negação da sua origem, das suas raízes.

Algumas expressões foram usadas de forma recorrente, como não ‘aburguesar-se’, por exemplo, demonstrativas de uma preocupação em não se tornar mais um ‘operário’ para retro-alimentar a engrenagem do sistema capitalista de produção. Alguns falam criticamente sobre um deslumbramento de outros que, após conviverem com jovens de uma elite econômica, sucumbiriam aos seus valores e modos de vida, esquecendo-se das suas origens e das dificuldades que teriam enfrentado para alcançarem o objetivo. Isto talvez seja, também, denotativo de uma imagem construída, previamente, sobre o jovem de classe/média alta, como alguém que não se implicaria com as problemáticas sociais do país ou, talvez, de um consumidor passivo e reproduzidor da lógica sócio-política vigente. Seguem alguns relatos:

Eo/23 - Não quero simplesmente chegar aqui e me deslumbrar com a ‘playboyzada’, com o carrinho do ano. ‘Querer ser igual a eles e esquecer da onde eu vim.’ Não quero isso!

P: Vocês acham que acontece isso com algumas pessoas?

Eo/23 - Claro! Claro! É o que acontece.

Ea/1 - Só a questão da identidade. Quando a gente entra aqui na PUC, tem esse choque, que já foi muito bem falado. Tem, eu acho, dois caminhos: ou você se mostra e aí foi o que a gente aqui fez...

Ea/2 - Dá sua ‘cara a tapa’, né?

Ea/1 - Dá sua ‘cara a tapa’. E você tem uma série de conseqüências com isso. Só que, eu sou quem sou e vou continuar sendo. Ou você se camufla, (...)tem pessoas que estudam com a gente, até no nosso curso mesmo que, totalmente se camuflaram e viraram ‘patricinhas’!

Ea/2 - E quando receberam o benefício do FESP... porque na época, você podia escolher entre bandejão e Fast Way. Aí teve uma pessoa que ela... de pré e tudo... pessoa... assim... pobrezinha... mas só que falou assim: ‘Não. Eu quero Fast Way.’ Mas quando acabou essa opção, que tinha que comer no bandejão, a pessoa simplesmente falou: ‘Não, no bandejão eu não como. Eu quero se for Fast Way.’(...)

Ea/1 - ...e, na época, começou a vender os tickets pra poder ostentar uma comida aqui do Gourmet, do Couve-Flor! Então, você vê isso. Pessoas querendo meio se fantasiar.

Ea/2 - A pessoa se camufla e vive num mundo... ‘esse não é meu mundo e eu vou pertencer a esse grupo agora...’

Ea/19 - Com o tempo você vai perdendo essa coisa do preconceito. É aos poucos. É lógico que... é fato que existe! Mas a gente vai conseguindo se adaptar, né (...), sem perder a essência, que eu acho que isso é importante. Porque, infelizmente, há pessoas que perdem. A gente tem contato de pessoas que não se afirmam, que negam, que mentem, que viram a cara e são daqui, e partiram do mesmo lugar que a gente partiu, e não se afirmam(...).

Ea/1 - (...)Ou a gente mostra a nossa identidade, a gente se firma aqui, continua com o objetivo até político mesmo de continuidade do movimento que é a gente mostrar nossa presença, mostrar as diferenças e com isso vir a enriquecer e a trocar...

Estes jovens trazem uma preocupação de retornar o conhecimento adquirido durante a Graduação, o status e respeitabilidade proporcionados pela aquisição do diploma de curso superior, na forma de benefício para a sua própria comunidade ou em função de alguma causa social e potencialmente transformadora, o que significaria dizer: fazer uso da formação superior para contribuir para uma melhoria nas condições de vida da população menos favorecida. Isto ficou bastante claro em vários depoimentos, inclusive em alguns já destacados neste capítulo. Destaco agora outros deles, onde estas questões aparecem de modo mais expressivo:

Eo/23 - Uma coisa que eu acho legal é se pudesse realmente manter essas pessoas na faculdade, se elas pudessem se formar, aí sim o projeto teria sentido. Porque a P. volta pra onde ela mora e começa a movimentar o local, as pessoas que tão no entorno, tão na convivência... ‘Ela é um exemplo, ela é uma batalhadora, ela conseguiu, foi pra Universidade, está trabalhando!’ Aí vai modificar a realidade.(...)O W. já muda a realidade dele porque ele dá aula, porque ele(...) está a serviço da comunidade. E pode mudar mais ainda, quando chegar lá com o diploma e as pessoas que moram ali no entorno e convivem ali com ele... ‘Pô, um diploma!’(...)E isso faz com que as pessoas se sintam puxadas também... ‘Ah, o cara conseguiu fazer! Como é que você fez?’ ‘Pô, passei perrengue, ao invés de almoçar, comia um salgado numa promoção, apertava, mas dava.’ E aí as pessoas... ‘Ah, o cara conseguiu!’

Eo/23 - Fundamental é não sair daqui sem passar isso adiante, pra sociedade de alguma forma! Tipo... cinema: que ele trabalhe com esse cinema de alguma forma pra sociedade. A publicidade... que ele (...)tenha meios pra passar isso pra sociedade de alguma forma. E o jornalismo, a mesma coisa, e por aí vai. Qualquer tipo de curso! Tem que passar isso. Se as pessoas da elite devem fazer isso, nós que estamos vindo da ‘ralé’, que somos os “plebeus”... ainda mais! (...)E aí... outros grupos, outras pessoas que vêm pra cá vão passar isso adiante.

Analisando estas questões sob um outro ponto de vista, há ainda aqueles que preferem a *negociação* como forma de sobrevivência. O que estamos chamando de ‘negociação’ seria um modo de construção de identidade do estudante na Universidade que opta pela ‘invisibilidade’ como forma de sobrevivência. Apesar das críticas por parte dos demais jovens, enxergamos esta última maneira de lidar com um contexto estrangeiro, como mais uma estratégia de sobrevivência escolhida por alguns jovens. Certos estudantes preferem não explanarem permanentemente suas condições de bolsistas, o que não significa dizer, necessariamente, que escondem suas identidades ou traíram suas origens. Assim como os jovens dos grupos anteriores, escolhem estratégias próprias de sobrevivência e auto-proteção num espaço estrangeiro, sendo a opção, neste caso, de uma circulação que podemos chamar de ‘silenciosa’, pela Universidade. Vejamos alguns depoimentos:

Eo/27 - Em relação à coisa das pessoas aqui na faculdade, é normal. Também não fico espalhando (...)que eu sou bolsista. É que rola mesmo... não sei dizer se chega a ser vergonha, mas é que você está num ambiente e você não quer se diferenciar muito. Se bem que... como eu já me dava com esse tipo de...

P: Uma certa maneira de proteção?

Eo/27 - É. Talvez. Talvez não querer me expor. É porque pra mim isso nunca... apesar de eu ser um completo duro, sem grana, (...) isso não impede de eu andar com esse tipo de pessoa. Nunca foi um empecilho.

Ea/16 - Eu não sabia mesmo o que fazer. Com o tempo você vai ficando mais segura. Agora não. Que se dane, sabe! Nem escuto porque... ninguém sabe que a gente é bolsista.

P - Ninguém sabe que vocês são bolsistas?

Ea/16 - Não. Nosso grupo sabe mas, no nosso curso tem muito disso, você faz matéria com a pessoa um período depois não vê mais. Tem muito disso também mas... pelo menos as pessoas que estão mais próximas da gente, no grupo daqui alguns até... se perguntar... também não vou negar, sabe.

Ea/16 - Também não chega falando entendeu? Ah! Vim de tal lugar... a gente também não fica falando, também.

Ea/15 - Na verdade é muito mais porque, nesse caso, eles não perguntam, acho que, tem pessoas que nem imaginam... Acho que as pessoas não têm nem idéia disso, que tem bolsista que veio de pré-comunitário. Mas, no nosso grupo grande parte sabe que a gente é bolsista.

Contudo, fica bastante claro que estes modos de interação, diferenciados dos estudantes e de construção de diferentes identidades de alunos na PUC, fazem com que os estudantes se dividam. Usualmente os jovens que optam pela circulação e interação mais silenciosas são alvos de críticas por parte dos outros estudantes-bolsistas. Foi o que pudemos perceber nas entrevistas. Os que não afirmam constantemente sua origem social e a condição de bolsistas, mais explicitamente no espaço universitário, são vistos como traidores de sua origem, de suas raízes. Alguns estudantes relatam, em tom de crítica, que outros fingem não conhecê-los por vergonha de seu lugar social. Conheçamos alguns depoimentos aonde estudantes bolsistas queixam-se de outras colegas.

Ea/2 - Por incrível que pareça, é mais fácil eu ter problema com o próprio bolsista. Eu não aceito isso! Gente, bolsista passar por mim, estudou comigo a vida inteira ali no pré.. dois anos.. e virar o rosto pra mim aqui dentro. Isso acontece!

P: Vocês acham que acontece isso porque?

Ea/2 - Porque você é uma referência de bolsista e as outras pessoas sabem que você é bolsista, então não quer que seja identificado como tal, entendeu?

Ea/1 - Tipo... 'Da onde você conhece essa menina?'

Ea/3 - Tem uma menina que trabalha no FESP. Ela falou que é muito engraçado você chegar no final do expediente, da entrega dos benefícios, que aparecem bolsistas com as pastinhas escondendo o rosto, entrando escondido pra receber o benefício na porta.

Ea/2 - É terrível isso!

No trecho a seguir encontramos uma postura-exemplo da categoria que denominamos aqui *confronto*. Neste exemplo, uma estudante fala da postura de outros colegas que não deixam clara sua origem social e faz referência a seu próprio posicionamento no cotidiano, como aluna da PUC.

Ea/19 - Tinham muitos colegas meus que eram bolsistas e caíam numa de 'coitadinhos'... de se deixar levar... (...)Às vezes estavam precisando, numa situação, porque tinham uma certa dificuldade, e não se colocavam! Se reprimiam e deixavam a coisa passar por cima. O professor encarava a turma toda igual e ele não se posicionava! Ou, então, por exemplo: está numa sala de aula, o professor falava uma besteira sobre um determinado grupo que ele faz parte e ele não se posicionava. Isso causava um mal pra ele, que eu percebia, muito grande!

P: Vocês tinham outra postura?

Ea/19 - Eu acho que essa coisa da agressividade... ajuda um pouco... e essa coisa da personalidade... que a gente tem de afrontar, de reivindicar, de falar... não permite um pouco isso. (...)E isso também coloca no sentido de proteger, porque você está numa 'cova de leões'! Não dá pra fugir disso! (...)Claro... como já ir com isso? Eu comentava com alguém e essa pessoa disse: 'Mas eu não consigo!' E eu: 'Como você não consegue?' Acho que pra alguém que é mais retraído, já é mais difícil e a tendência é a de alguém montar ou as pessoas acabarem se sobrepondo. Mas, quando você se coloca... aí já vem colocando mesmo... 'eu vim pra dar porrada, porque se alguém me der porrada vai ter que vir com muita força também pra agüentar!' Eu ia assim. Eu ia pro embate! Porque se alguém ousar

falar alguma coisa...(...) Acho que os problemas que eu tive, iniciais, foram muito por essa afirmação, talvez excessiva, que eu não me arrependo! Sinceramente, eu não me arrependo! Faria de novo. Talvez com um pouco mais só de moderação...

Ora, os jovens estão, de fato, num espaço social completamente distinto do seu próprio. A Universidade foi organizada e estruturada em função de um perfil de estudante e a chegada de um outro público-alvo tem levado a instituição a se adaptar e a se reestruturar em função deste novo estudante. Mas este processo ainda não se deu por completo. Ele tem acontecido de forma gradativa. Desse modo, alguns dos membros e representantes da instituição, ao que tudo indica, não os percebem como parte do espaço, na sua diversidade e pluralidade e, por vezes, deixam isto transparecer no cotidiano, o que contribui para acirrar ainda mais a possível sensação de *outsiders* ou de “estrangeirismo” que possam vir a experimentar.

Além disso, a relação cotidiana com os professores e a presença de um alunado majoritariamente composto por estudantes das ‘elites’ faz com que os graduandos oriundos de espaços populares sintam-se deslocados ou sem referenciais, além da sensação de não-pertencimento e, porque não dizer, de inadequação. Conforme já mencionado, diante deste quadro, cada um deles opta por uma maneira própria de lidar com os impasses e de proteger-se, construindo sua identidade de aluno no trato diário e através do modo como interage com os diversos atores sociais neste cotidiano. Portanto, as categorias *negociação*, *enfrentamento* e *confronto*, foram estruturadas de modo a explicitar e exemplificar essas formas variadas de movimentação destes estudantes no espaço da PUC, não perdendo de vista que, cada uma delas é vivenciada de modo singular por cada bolsista e, ainda, que representa simplesmente uma dentre as várias maneiras de sobrevivência e, possivelmente, de auto-proteção em um espaço estrangeiro.

5.5

Estudantes Bolsistas e Corpo Docente: Olhares Entrecruzados

As entrevistas trouxeram relatos variados sobre a relação entre os jovens/bolsistas e o corpo docente. Na interação cotidiana com estes profissionais – representantes da instituição que interagem mais diretamente com os estudantes –, surgem embates, conflitos mas, também, identificações.

A relação entre os alunos e o corpo docente foi algumas vezes mencionada pelos jovens, nas situações as mais variadas. É fato que a experiência dos estudantes como bolsistas na PUC está também atravessada pela relação e interação com o corpo docente. É através, principalmente, dessa relação, que os estudantes começam a interferir na estrutura da instituição, que vai sendo convocada a se adaptar gradativamente ao novo público.

As opiniões dos jovens sobre a relação com os professores e as maneiras como as interações acontecem, trouxeram à tona duas principais temáticas. A primeira delas reflete a transmissão da teoria no contexto acadêmico e sua aproximação com a realidade social brasileira, no seu sentido mais abrangente. Já a outra diz respeito ao reconhecimento, por parte dos professores, de um alunado plural e diverso sócio-culturalmente bem como a formulação de uma didática e metodologia de ensino que leva em conta tal diversidade. Estes temas principais são os que vão determinar uma maior aproximação, identificação e/ou uma possível rejeição por parte dos sujeitos da pesquisa em relação a determinados membros do corpo docente.

5.5.1.

Conhecimento prático X Conhecimento Acadêmico: Conhecimento em benefício de quem?

Quando o assunto das entrevistas era o conhecimento que a Universidade proporciona e a sua relevância para uma atuação profissional, alguns jovens ressaltaram a dificuldade em relacionar o conteúdo aprendido nas aulas, a uma atuação profissional futura que, leve em conta, os vários contextos e realidades sociais existentes na cidade e, no Brasil, mais amplamente. Esta problemática foi enfatizada com maior veemência pelos graduandos provenientes dos cursos pertencentes à área de ciências humanas. Relatos

ressaltam, em tom pejorativo, a frequência com que as discussões realizadas nas aulas tomavam como parâmetro uma realidade social específica, não considerando a pluralidade de culturas presentes no contexto brasileiro. Alguns jovens se queixaram de não se sentirem representados e identificados com os exemplos mais concretos trazidos, alegando que, recorrentemente, os referenciais usados como base dizem respeito às experiências vivenciadas pelas camadas de maior poder aquisitivo da população. Contudo, nas salas de aula, alguns alunos afirmam trazer suas realidades sociais para a cena dos debates – usualmente aqueles cujas posturas se aproximam das descritas nas categorias que denominamos *enfrentamento* e de *confronto*. Tomemos contato com algumas histórias:

Eo/28 - Depois que você sai daqui, das discussões do nosso curso pré-vestibular comunitário... a gente, na época... nossa! A gente discutia muito essas coisas! Então a gente já saía com uma certa argumentação pra está discutindo, principalmente com os professores! Eu acho que o problema maior acontecia com os professores também. Com seus estereótipos e aquelas palavras clássicas que...

P: Os professores? Engraçado que são os cursos em que os professores deveriam ter uma mentalidade...

Eo/28 - Justamente. A minha decepção maior foi essa. Mesmo os professores que eu gostava são muito fracos nessa análise da questão da favela e da própria questão da inserção nossa dentro da PUC.

Eo/28 - Quando vê você falando certo diz assim: ‘Pô! Esse cara sabe falar! Mas você fala tão direitinho!’ e eu falei: ‘É!’ E ela não cansou não, ela foi falar pros meninos... ‘Pô, mas como ele fala bem, né?’(...). Mas, na Universidade isso é muito forte. Eu acho até que muitos professores... por exemplo: tinha uma professora que me adorava e ela queria citar um exemplo, foi citar lá da Vila do João: ‘Porque você pensa bem: Você está saindo da Avenida Brasil, aquela Vila do João, eram aquelas casas todas bonitinhas, coloridinhas, agora você passa lá tem uma faveeeela!’ Aí eu falei: ‘Professora...’ Expliquei pra ela dentro da minha argumentação e, aí ela falou assim: ‘Não, você tem razão. Me desculpe, é verdade.’ A pessoa, quando quer pegar um exemplo ruim ela vai pegar de alguém que não está ali próximo a ela, porque não está ali pra se defender. É porque ali eles acham que tão falando pros pares. .

Ea/19 - Tudo o que eles falam é do espaço que eles frequentam.(...)

Eo/28 - Tem uma arrogância natural do professor...

Ea/19 - É a hierarquia... É o professor! Quem é que vai refutar o argumento... ‘Eu sou o professor, se coloque no seu lugar’...

Eo/28 - E aí, quando você é professor e acha que está num grupo tão específico, ele esquece essas coisas. Vai falar mal até...”

Uma vez que alguns jovens vêm na formação universitária a possibilidade de uma atuação que promova uma transformação social mais efetiva que, por sua vez, minimize as disparidades nas condições de vida da população (mais amplamente), há uma identificação maior destes estudantes com os professores cujas visões e perspectivas têm um

atravessamento mais político e social e cujas representações sobre os espaços populares são menos estereotipadas, unilaterais e/ou reducionistas.

Há que se pensar, sob outro viés que, em alguns casos, podem ocorrer distorções das interpretações feitas por estudantes, num movimento de prevenção e de auto-proteção, acerca das falas de determinados professores, ou ainda, outros alunos. Entretanto, vale se ter em mente que não se trata aqui de emitir quaisquer juízos de valores, mas de analisar o modo como o estudante de origem popular vivencia a experiência universitária na PUC-Rio, as nuances que surgem na convivência cotidiana neste espaço, nas interações com os vários atores sociais e, como os estudantes significam e expressam essas vivências na linguagem.

5.5.2.

O Reconhecimento da Pluralidade e da Diversidade...

Estudantes tentando fazer-se visíveis no cotidiano escolar e queixando-se das posturas de alguns professores que não reconheceriam o alunado na sua diversidade – essa questão foi trazida já no início dos depoimentos e, dada sua recorrência, vamos retomá-la neste momento.

Os jovens têm certos professores como parceiros, identificam-se com suas visões, mas fazem críticas a outros quanto à metodologia de ensino que desconsidera suas dificuldades e privilegia um público específico de aluno. Em se tratando das dificuldades enfrentadas pelos estudantes no cotidiano da formação universitária, a falta de domínio da língua inglesa teve um certo destaque. Os jovens entrevistados ressaltam a frequência com que, a maioria dos estudantes das ‘elites’, faz viagens de intercâmbio para países estrangeiros além de terem frequentado, por toda a formação escolar, cursos de línguas, sendo a inglesa a mais recorrente. Diante disto, solicitações de referências bibliográficas escritas em inglês, filmes passados em sala nesta mesma língua, sem o recurso de legendas, são motivos de reclamações por parte dos jovens, em relação às didáticas utilizadas por certos professores.

Ea/4 - Eu lembro de umas das primeiras aulas(...). Eu tava na sala e, nesse dia uma amiga minha não compareceu. Então, ali do projeto só tinha eu naquela sala e foi uma das primeiras aulas. O professor chegou e fez um discurso: ‘Vocês são a elite do país! Vocês

são o melhor! Vocês merecem o melhor! Eu tô aqui pra dar o melhor! Vocês são os futuros donos do Brasil!’ Aí eu: ‘Meu Deus!’ E começou a dar aula. E ele falava metade de uma frase em português, metade em inglês, e falava como se todas as pessoas que estivessem ali... e eu acho que praticamente todas as pessoas que estavam ali... já tinham tido experiência no exterior e a maioria falava inglês! Todos falavam, só eu que... aquele dia eu saí daqui muito mal.

De acordo com os relatos, pode-se constatar que alguns professores sentem-se à vontade para usar alguns recursos e materiais didáticos escritos em inglês. Este é, de certa maneira, um debate polêmico. Há que se pensar que, muitas vezes, alguns professores preparam o conteúdo a ser transmitido, levando em conta os pré-requisitos exigidos pelo mercado de trabalho para a conquista de vagas para experiências de estágio e profissionais. Por outro lado, os jovens/bolsistas questionam o modo como isto acontece, já que um conteúdo que deveria complementar a formação dos estudantes, transforma-se em pré-requisito para o acompanhamento das aulas na Universidade. Este grupo de graduandos de cursos diferenciados, discute a questão. Vejamos como se dá o diálogo:

Ea/14 - Você estava falando dos professores... não, nenhuma diferenciação. Mas eu acho que eles tratam como se todo mundo fosse de classe média/alta. Quando eu tava no primeiro período, teve um professor que ela... tinha um vídeo que falava sobre a Rede Globo. Um documentário super difícil. O problema é que o documentário não... ou ele não tinha legenda ou ele só tinha legenda em inglês. Aí: ‘Eu posso passar? Tem algum problema?’ A turma toda falou que não tinha problema nenhum passar um documentário em inglês, porque todo mundo sabia inglês! Só que... você vai ser uma pessoa no meio de 70... ‘Não, não vai passar o documentário?’ Na verdade, você vai ficar sem esse conhecimento, porque as outras pessoas têm.(...) E... pedir um texto em inglês e falar: ‘O texto só tem em inglês.’ E colocar o texto na pasta! Acho que é legal quem tem, poder ter acesso a mais uma referência, mas acho que isso não pode ser cobrado!

Ea/15 - Têm matérias que o livro é só em inglês... eles falam que não tem livro em português a altura do que eles querem que seja dado. Não tem nenhum que eles queiram dar... é muito pouco.

Ea/16 - Teve um professor que, uma vez eu fui perguntar... eu queria pegar o dele porque ele tinha um em português. Ele falou assim: ‘Eu até te empresto agora mas você tem que começar a ler o em inglês. Eu te empresto agora pra você ver esse exercício mas você tem que me prometer que vai estudar no livro em inglês, que é o melhor.’ A bibliografia toda é em inglês, tem um em português mas eles falam assim... ‘Tem esse aqui mas a gente não aconselha não.’

Ea/14 - Partem do princípio que todos sabem inglês.

Este outro grupo de jovens queixa-se de professores que trazem concepções que consideram deturpadas (quanto às representações sobre espaços populares):

Ea/4 - Teve um professor que passou um vídeo em sala em inglês sem legenda. A gente assim... ‘Não tenho nem idéia!’ E ela assim: ‘Vocês têm algum problema com inglês? Não, né?’ E a gente: ‘Não dá pra traduzir ao mesmo tempo?’ As pessoas ficam rindo!(...) Será

que o professor vai continuar dando essa aula, metade em inglês, metade em português? Aí, no segundo dia, que minha colega compareceu. Aí ele disse que geralmente as pessoas que conviviam em comunidades carentes tinham mais tendência a... agressividade ou estavam acostumados com certo tipo de comportamento, como de bandido, um matar o outro e que aquelas pessoas não se sensibilizavam mais com aquilo... (...) Ele fez essa citação porque a maioria ali morava em condomínio fechado. Então, a partir do momento que um professor (ele é uma pessoa muito conceituada) fala isso, com Doutorado, com tudo, isso passa a ser verdade. Pessoas muito jovens, naquele meio ali, pensam que aquilo ali é verdade! Na mesma hora, eu e a minha colega: ‘Não professor! Eu moro em comunidade carente, inclusive moro na Cidade de Deus...’ (Esse professor mora num condomínio em Jacarepaguá, fechado.) ‘...e a gente convive sim em comunidade carente, mas, mesmo assim, eu estou aqui. Alguém está vendo eu agredir alguém? E nem vai ver! E isso já tinha passado um tempo. Já tinha uma rede com as pessoas. Aí ele ficou meio sem graça. E minha colega: ‘Eu também professor!’ e falou o discurso dela... essa minha colega é loira! Aí ele: ‘O meu porteiro também mora lá. Ele faz questão de falar comigo.’ Como se ele fosse alguma coisa e o porteiro do prédio dele não fosse nada! E nós também, né...

Ea/1 - Não somos nada, né.

No caso específico da estudante a seguir, graduanda de um curso considerado um dos mais ‘elitizados’ da Universidade, o discurso de um professor em relação ao aluno-bolsista causou certo ‘pânico’ na estudante.

Ea/11 - Até um professor comentou que ele trabalhou em um pré-vestibular comunitário e que a maioria dos alunos não tinha possibilidade de passar pra uma faculdade, porque se fossem alunos dele ele iria reprovar, porque escreviam mal, não sabiam se comunicar direito. Então, num primeiro momento, eu tomei até um choque quando eu ouvi isso! ‘Será que ele descobriu que eu sou aluna do pré-vestibular e já está falando isso como uma indireta pra gente?’ Então, eu fiquei muito apreensiva. Mas, depois saiu tudo super bem. Eu tive nota boa com ele! (...)Mas, eu passei mal quando esse professor falou isso! Eu estudei desesperadamente porque eu achava que ele tava falando isso pra mim! Aí eu ficava assim... ‘Eu não posso deixar ele me pegar e fazer daquilo uma verdade. Eu tenho que mostrar pra ele que é uma mentira, que não necessariamente porque a gente está vindo de um pré-comunitário, que a gente enfrenta algumas dificuldades, que a gente não pode superar isso.’ (...) Eu acabei tirando um 9,5 na matéria dele! Foi uma coisa que até eu mesma me surpreendi muito! Quando eu olhei a nota, minha vontade era ir lá e... ‘eu sou aluna de pré-vestibular, quer dizer, nada a ver o que o senhor falou! Pára com isso que só faz os alunos passarem mal com isso!

Por outro lado, alguns se identificam com certos professores quando procuram auxiliar e orientar os demais, fornecendo ferramentas, sugerindo caminhos, capacitando-os para que possam acompanhar as aulas.

Ea/7 - Você chegar pro professor pra conversar, pra falar até da sua dificuldade, outro dia mesmo eu falei de uma dificuldade que eu tenho, consegui chegar pro professor e falar e foi super bacana, me ajudou a resolver, surgiu uma situação, de trabalho e tudo e a gente não sente... com alguns professores a gente não se sente à vontade pra dizer pra procurar, ainda mais no primeiro período, assim, acho que mais pra frente a gente vai fazendo, mas no

começo a gente... aí eu consegui chegar e falei da minha dificuldade e ela me ajudou e é isso mesmo.

5.6

Estratégias de Auto-Valorização

Em se tratando, ainda, da entrada num espaço estrangeiro e das maneiras que os jovens vão utilizar para interação neste espaço, as entrevistas trouxeram discursos que demonstraram uma tentativa de auto-valorização, no sentido de convencer-se (e a todos) da importância de sua presença no contexto universitário. Algumas frases recorrentes levam-nos a apostar em uma preocupação dos jovens em se sentirem importantes para a Universidade e, também, em fazer com que a mesma, nos seus atores, reconheça-os e os perceba como importantes para a instituição.

Estruturamos, então, os argumentos mais freqüentes em quatro eixos temáticos. Sintetizamos-los através de algumas frases-título, que serão ilustradas pelas falas dos próprios jovens.

1) *“Eu passei no vestibular da PUC, assim como todos os outros alunos da Universidade!”*

O fato do processo seletivo do vestibular ser o mesmo para todos os estudantes da PUC-Rio (sem, necessariamente, haver reversa de vagas para grupos específicos), é usado como argumento pelos jovens, no sentido de desmentirem um possível pressuposto de que eles não teriam conhecimento e base suficientes para acompanharem os demais estudantes, legitimando o direito de estudarem na PUC. É para onde nos encaminham algumas falas, como as que destacamos a seguir:

Ea/8 - Quando chegamos aqui, o departamento recebeu a gente num auditório, explicou tudo o que ia acontecer na Universidade, como funcionava a biblioteca, o RDC, todo o resto. E diziam que nós não estávamos ali de favor porque a PUC deu uma bolsa pra gente, e que não estávamos devendo nada. Porque nós passamos no vestibular como todo mundo. A minha nota do ENEM foi 75. Eu tinha nota pra passar pra vários outros cursos, só que eu escolhi o serviço social.

2) “*Minha presença na Universidade não é favor, é uma troca!*”

Este discurso, usado por alguns jovens, vai de encontro ao pensamento de que, a entrada dos estudantes bolsistas haveria aumentado o valor das mensalidades dos estudantes-pagantes. Além deste, também há um outro: o fato dos jovens terem sido contemplados por uma bolsa de estudos integral faria deles devedores de um ‘favor’ proporcionado pela instituição.

Em relação à primeira premissa, a das mensalidades, embora nem todos tenham conhecimento profundo sobre como funciona a questão da filantropia, alguns estudantes, especialmente os do curso de Direito, desmentem a questão e enfatizam o fato de que (ao contrário do que possam vir a dizer), sua presença na Universidade, além de não ser a responsável por aumentar as mensalidades, contribui para sua diminuição, na medida em que possibilita que a instituição possa manter seu status de filantrópica e propicia, ainda, isenção de uma parcela dos impostos que a instituição deve pagar ao governo. É o que alguns estudantes alegam, como na fala a seguir:

Ea/10 - ‘Eu estou pagando mais porque tem bolsista!’(...) ‘...se não tivesse bolsista, eu pagaria um pouco menos’. O que não tem nada a ver porque o governo que vai arcar com isso.

Ea/11 - Eu acho que, se eles aderiram a esse projeto é porque seria um benefício pra eles. Então, ninguém fez isso. Há um incentivo fiscal por trás disso e as pessoas têm que saber disso. Então, eu acho assim: se não houvesse bolsistas por aqui, eles pagariam muito mais porque eles não iam ter a possibilidade desse incentivo e as pessoas não têm essa visão, eles acham que eles tão pagando a mensalidade deles e mais de uma pessoa, o que é uma inverdade deslavada! E eu acho que(...), a direção tinha que dar algum esclarecimento: ‘Olha, eles estão aqui, não é de favor, não é pra aumentar a mensalidade de ninguém. Tão aqui porque a gente aderiu a um programa que também nos beneficia. A gente não está fazendo nenhum favor, é uma via de mão dupla! A gente está fazendo, mas a gente também está recebendo. A PUC é instituição não lucrativa, ou seja, todos eles pagam aqui e volta em benefício para eles mesmos.

A questão da bolsa de estudos, como sendo um “ato de caridade”, acaba levando a um outro tema que é um dos mais enfatizados pelos estudantes: o de que eles teriam por obrigação devolver à instituição o ‘favor’, apresentando o maior rendimento escolar possível.

Muitos jovens trazem depoimentos de uma auto-cobrança exacerbada quanto ao rendimento acadêmico. Isto também aparece em alguns discursos institucionais. Certos profissionais do segmento responsável pela concessão de bolsas da Universidade,

comentam a respeito de jovens que se dirigem, espontaneamente, para prestar contas de seu rendimento escolar ou justificar possíveis faltas nas aulas.¹²

Contudo, este é o assunto do próximo tema, sintetizado, aqui, através da frase:

3) “*Os nossos CRs são altos!*”

Esse tópico vem complementar a questão da auto-cobrança exagerada, por parte dos estudantes-bolsistas, de um rendimento escolar o maior possível. Mas esta auto-cobrança não acontece somente no sentido de um retorno à instituição em razão da isenção das mensalidades, mas também para responder à premissas de que estes estudantes não seriam capazes de acompanhar o ritmo acadêmico dos demais alunos da instituição. Existe um ‘fantasma’ que os acompanha, como fizeram parecer alguns discursos, que tem por base a crença de que a entrada dos estudantes bolsistas de ação social interferiria negativamente no nível de qualidade do ensino da PUC-Rio.

Essa última questão foi palco de debates e polêmicas no início da implementação do projeto na Universidade, de acordo com falas de alguns atores da instituição.¹³ Desse modo, é compreensível que, ainda hoje, os estudantes-bolsistas tenham que conviver com os resquícios deste “fantasma” e se esforcem por render o melhor possível academicamente para refutá-los, ainda que isto traga como consequência um grande desgaste emocional e um sofrimento psíquico para muitos deles. O trecho abaixo mostra como os jovens dizem vivenciar e enfrentam esta questão:

Eo/26 - O aluno bolsista... são os alunos que têm os CRs maiores da Universidade. Na verdade, eles se cobram mais, eles dão valor realmente. Eu me cobrava muito. Hoje, eu me cobro enquanto profissional. Mas enquanto aluno, me cobrava demais! O meu CR foi 9.7, o último CR, no semestre, quando ficou acumulado não lembro. E a realidade da minha turma era essa... CRs altos. E isso a gente encontra em todos os cursos. Engenharia é mais complicado porque é um curso muito puxado.

P: Têm bolsistas que são contra o PROUNI?

Eo/23 - Têm alguns que são. Tem pessoas que já chegaram pra mim e tiveram bolsa, não em faculdade, mas que era bolsa de segundo grau, mas são contra bolsa de Universidade porque privilegia negro, porque privilegia aquele que não tem condições de tá na faculdade, e você tenta reverter esse discurso mostrando a ela que a pessoa... os primeiros cotistas na

¹² Ver capítulo 2 – O programa Bolsa de Ação Social da PUC-Rio.

¹³ Ver capítulo 2 – O Programa de Ação Social da PUC-Rio. Vozes Institucionais.

UERJ são pessoas que também fazem parte do pré-vestibular comunitário. São duas meninas negras que entraram pra Direito e que têm os melhores CRs do ano delas! Elas entraram, acho que em 2003 e, se mantêm como o melhor CR, em Direito, na UERJ!

Ea/17 - Parece que a gente tem que se cobrar muito mais, porque a gente tem uma diferenciação muito grande por isso: eles terem uma bagagem maior que a da gente. Então, no início da faculdade, isso era muito pra fazer trabalho, até pra montar um trabalho, procurar referências...

4)“*Eu sou importante pra PUC, porque trago como bagagem um bem escasso no local, o que chamo de ‘capital humano’¹⁴!*”

Esta frase sintetiza um argumento do qual se utilizam alguns bolsistas, qual seja: os estudantes de espaços populares se beneficiam do conhecimento que adquirem na Universidade e do título que a formação superior em uma instituição de ensino, renomada e qualificada, propicia. Mas, em contrapartida, trazem para a instituição algo que a maioria deles considera ser escasso neste espaço: a experiência concreta de vida semelhante àquela vivenciada por grande parte da população brasileira.

Ora, o que um dos jovens chama de ‘capital humano’, pode ser interpretado como a bagagem cultural adquirida através de uma experiência de vida; bagagem esta que estes estudantes alegam ser desconhecida pelos estudantes das camadas mais altas, principal público de alunos da PUC-Rio. Foi bastante freqüente ouvir dos depoimentos no seguinte sentido: ‘Nós aprendemos com a Universidade e adquirimos cultura com os outros estudantes, mas também, ensinamos com nossas realidades e experiências de vida.’ Seguem algumas falas:

Eo/21 - Eu acho que isso enriquece pra faculdade(...) porque traz, adota e agrega uma outra visão de mundo, que muitos aqui não têm. (...)Não senti nenhum tipo de discriminação, nem por ser negro, nem por ser bolsista. Mas eu sinto que há uma dificuldade muito grande das pessoas conhecerem esse outro lado e esse outro mundo. Então, essa galera que está chegando agora dá uma melhora nisso. Por exemplo: as formas de se dirigir a essas pessoas... muitas não entendiam porque não faz parte do cotidiano delas. Uma Zona Sul,

¹⁴ A expressão *Capital Humano* foi retirada do depoimento de um jovem da pesquisa e, está sendo usada, aqui, no sentido específico do uso feito pelo próprio jovem, qual seja: um conhecimento prático proveniente da experiência de vida do sujeito. O significado que pôde ser extraído do uso que o jovem fizera do termo, consistiria, então, na possibilidade de, através de suas vivências práticas (provenientes de uma realidade social distinta daquela comumente vivenciadas pelos jovens da PUC), agregarem conhecimentos à Universidade e aos outros estudantes.

mais elitizada, mais favorecida, uma outra visão mais... na mesma cidade e ele não conhecia... a linguagem que existia, os gostos, várias situações. (...)O material humano é muito mais eficiente pra entrar nesse universo. De repente, ler num livro, pela TV e filmagem, não é tão eficaz, não entra nesse mundo. Agora, quando tem uma pessoa do seu lado que morou ou viu ou passa ou tem alguma relação com a favela, essas coisas de subúrbio, acho ele enriquece muito mais. Acho que a faculdade está ganhando muito com esse material humano que está chegando agora.(...) A gente acrescenta muito com a nossa realidade, com nossa vivência prática aqui na Universidade e eu acho que a gente ganha também com isso, porque a gente está trabalhando de repente pra um outro lado, com pessoas que têm uma realidade muito melhor. Acho que a gente trabalha com várias outras questões que vão ser muito mais relevantes, matérias em si, discussões muito importantes. O nosso curso tem uma pluralidade muito grande de discussões, é muito rico. Mas, aí a gente tem pontos de vista diferentes dentro de uma sala. Acho que isso enriquece o debate que é levantado. De repente eu vejo de uma outra forma que uma pessoa que tem uma outra realidade não vê. O material humano, mais uma vez, faz toda a diferença nessa questão de troca diária na faculdade(...).

Eo/28 - O curso dela e o meu(...), favorecem uma discussão sobre esse tema, não tem como não discutir. E na discussão, a argumentação (a academia se vale da argumentação) se você tem argumento, você acaba contribuindo. Na minha turma foi mais ou menos assim. Havia um desconhecimento brutal do que era favela, de como era e, a partir dos debates e das discussões, a gente acabou conseguindo alguma coisa, criando quase eu consenso sobre o que é a favela.

Ea/14 - O que eu acho que é mais interessante... que eu avalio como mais importante dessa estada aqui na PUC(...), é poder ter essa troca. Você poder estar, também, conhecendo uma outra realidade. É também fazer com que eles conheçam um pouco da nossa realidade. Desconstruir preconceitos, estereótipos, coisas que eles pensam... eu também desconstruí muita coisa(...).

Ea/1 - É a interação, né.

Ea/2 - A gente está passando uma coisa boa pra eles também

Alguns estudantes queixam-se, todavia, de um distanciamento das discussões acadêmicas de uma realidade social brasileira mais aproximada com a da grande maioria da população do país. Outros jovens lamentam, ainda, de representações estereotipadas no que diz respeito à realidade dos espaços populares e alegam que sua presença na Universidade contribuiria para a desmistificação de paradigmas equivocados e, para a construção de uma representação mais justa e aproximada à realidade vivida nas periferias da cidade.

Estes ‘fantasmas’ parecem acompanhar várias gerações de bolsistas, contribuindo para a desvalorização e possível sensação de rejeição deste público no espaço universitário. Na medida em que são convocados a falar sobre a experiência na Universidade e sobre como foi o impacto da entrada num espaço estrangeiro, vários jovens demonstram terem

trazido consigo, ao menos no início do trajeto, sentimentos de insegurança, preocupação com algum tipo de rejeição, de como seriam a interação e o convívio com os demais atores sociais, etc. Neste sentido, a utilização de alguns argumentos funcionaria como estratégia de auto-valorização e como uma forma de se sentirem aceitos no novo espaço. Apoiados nestes argumentos, eles justificam sua presença na PUC e ainda, de certa maneira, reforçam a importância da permanência e da continuidade do projeto de ação social na instituição.

O que vale ressaltar é que as falas dos jovens usadas como estratégias de auto-valorização, têm um caráter de responsividade. Elas são usadas como respostas a possíveis argumentos que possam vir a rejeitar suas presenças naquele espaço. Logo, elas não surgem do vazio. Se há um esforço no sentido de refutar certos modos de pensamento é porque estes estiveram presentes, de alguma maneira, ou ainda, estão no imaginário ou na representação de alguns atores que compõem o contexto universitário e na sociedade civil, mais amplamente. As próprias histórias e relatos dos estudantes demonstraram o esforço dos próprios em refutarem certos argumentos.

O diálogo a seguir traz à tona algumas das estratégias de auto-valorização acima descritas e, ainda, as possíveis razões, segundo os próprios entrevistados, para que estes jovens prefeririam estes discursos.

Ea/1 - (...)Pra gente é uma questão de honra... passar e passar bem!(...)A gente tem uma cobrança da gente mesmo, sabe! (...)Quando a gente entra na PUC não tem nem... conversa... 'Ah! Você tem a bolsa, mas se você for reprovada...' Não tem isso. Mas, a gente tem a preocupação com a bolsa! Mas, nem é tanto isso. É mais... é com a disciplina... e querer... não é mostrar pros outros... pra gente! Porque, como a gente ouve muitos discursos... dos professores, houve pesquisas dentro da PUC que vieram a contrariar falando que os bolsistas vem cair o rendimento da PUC, professores que a gente já ouviu afirmando isso... alunos afirmando isso.

Ea/3 - Alunos também falando que não tinha ar condicionado por causa das bolsas que estavam dando, que a sala tava muito... as cadeiras velhas e que isso tava afetando, os bolsistas estavam afetando...

Ea/1 - Como se os bolsistas fossem um contrapeso pra PUC! E a gente sabe que não é isso, porque cada bolsista é pago e muito bem pago pra estar aqui! Então, até mesmo pra gente mostrar o contrário, sabe! A gente tem uma cobrança, mas não é uma cobrança que vem a prejudicar a gente. É algo saudável.

5.7

Identidades Partidas: Estrangeiros em sua Própria Casa

Uma outra temática bastante significativa seria *a mudança de identidade do jovem na sua comunidade ou localidade de origem, após a entrada no contexto universitário.*

Na medida em que entram num espaço completamente novo e começam a conviver nele, os estudantes modificam-no mas, também, são afetados por ele.

Conforme já mencionado, logo de início, vários estudantes falam de um ‘choque’ quando da entrada num contexto estrangeiro. Tudo impressiona. As vestimentas, os modos de falar, de interagir, os assuntos das conversas, os valores, a estrutura da Universidade, etc. Com a convivência rotineira, não somente há modificações nas formas destes jovens de agir, como as prioridades também passam a ser outras. Bastante curioso foi o depoimento de uma jovem quando diz que, ao atravessar o portão da Universidade, automaticamente se sente, porta-se e pensa de modo diferente, ao contrário do ocorre quando está de volta ao seu ambiente original. Vejamos o que dizem através de suas próprias palavras:

Ea/4 - É engraçado que hoje eu não sinto mais isso. Já estou bem mais familiarizada com o ambiente. Mas, no início, é um conflito muito grande porque, quando você entra dessa porta pra cá, a sua postura já muda!(...) porque você está em dois mundos totalmente diferentes! Quando eu entrava dessa porta pra cá, que a linguagem tinha que mudar... não que eu estivesse perdendo a minha identidade, mas eu estava num meio acadêmico. É uma adaptação.

Ea/2 - E saindo desse portão, a gente... até saía com outros bolsistas também, conversando: ‘Ah, agora vamos voltar pra realidade.’

Ea/1 - É o Matrix. (risos)

Ea/4 - ...um outro mundo! Dentro de uma comunidade... é um outro linguajar, é uma outra postura!

Na medida em que as prioridades mudam, estes estudantes se distanciam, gradativamente, da maioria dos jovens de seus espaços de origem, principalmente, no que diz respeito aos objetivos e projetos de vida. Deve-se levar em conta que os graduandos da pesquisa, em sua maioria, dizem-se os pioneiros, nas famílias e vizinhanças, a ingressarem no curso superior. Isto é, aliás, um importante dado. Muitos destes jovens compõem a primeira geração de estudantes de suas comunidades a ingressar na Universidade, muito embora já existam, hoje na PUC, atuais graduandos, irmãos de ex-alunos bolsistas. Na medida em que foram ingressando nas Universidades, não somente na PUC, como também em outras instituições, estes primeiros foram servindo de exemplo para os demais e os incentivando a seguirem o mesmo caminho.

Assim, mudam-se as prioridades, os compromissos e alargam-se as visões. É desse modo que os estudantes descrevem as transformações pelos quais passam durante o processo em que vivenciam a experiência como universitários da PUC-Rio. A disponibilidade de tempo para o convívio com a família e os antigos amigos diminui consideravelmente. Daí a explicação para a grande dificuldade de encontrarem, na larga jornada dos afazeres cotidianos, um espaço para nos concederem entrevistas. Logo de início, fica claro pelas ‘deambulações’ feitas pelo pesquisador no campo o dia-a-dia atribulado destes jovens, que se dividem entre Universidade, estudos, trabalho e os tempos longos que passam nos transportes coletivos, rumo às suas residências (na maior parte das vezes, suas moradias localizam-se em bairros distantes da cidade). Há que se lembrar ainda que muitos deles não têm computadores particulares, tampouco um espaço reservado e propício para o estudo, além de recurso financeiro para aquisição de livro e de outros materiais. Isto faz com que passem grande parte do dia nas bibliotecas ou no laboratório de informática da PUC, sobrando somente os horários noturnos e os finais de semana para o convívio familiar, ainda que muitos utilizem, também, estes dias para as atividades acadêmicas. Em razão do distanciamento gradativo da convivência com familiares e amigos, alguns ficam estigmatizados como ‘esnobes’ ou, ainda, ‘aburguesados’. Veremos o que eles próprios dizem a respeito:

Ea/13 - Eu fico agora uns finais de semana aqui pra poder estudar. Porque, quando eu vou pra casa eu não consigo estudar. Tenho irmão pequeno, aquela bagunça e tal, aí você vira a garota da Zona Sul pras pessoas de lá. As pessoas de lá e as da sua casa olham pra você e falam... ‘Ah, agora é garota Zona Sul! Não quer vir mais pra cá!’ Você quer sair... ‘Ah, você quer sair vai sair com o pessoal de lá! Não vai mais sair com a gente.’ Então, é muito complicado porque você fica no meio do fogo cruzado. Você às vezes não sabe pra onde cair, de onde que eu sou?

P: Você não se sente direito nem parte daqui...

Ea/13 - ...nem parte de lá. E isso é muito complicado pra mim com relação a casa. Eu sou meio nômade, não sei se vocês perceberam o tamanho da mochila! Eu carrego roupa dentro da mochila porque tem dias que eu olho e... ‘Pra onde eu vou?’ Apesar de ter casa aqui, tem dias que eu tenho que ir pra casa, ver minha família. Isso também é um pouco triste, mas, eu não tinha como! Eu fiz durante um ano essa passagem de ir pra casa e voltava pra cá, só que eu não tava fazendo estágio. Aí eu comecei a fazer estágio e ainda fazia isso, só que chega uma hora que você fala: ‘Impossível!’ Eu perdia cinco horas por dia de transporte! Cinco horas que eu estaria estudando, fazendo alguma coisa, até mesmo descansando.

Ea/19 - Quando eu passei, eu lembro que a diretoria do pré estava reunida aqui. Aí eu peguei o resultado e vim falar com eles e foi até engraçado, porque ao mesmo tempo em

que eles me parabenizaram eles: ‘É muito bonito! Agora eu quero ver como é que a gente vai arrumar seu horário!’ E aquilo pra mim foi uma facada, porque eu fiquei imaginando... eu não vou conseguir dar conta! E eu vim de manhã, trabalhava até onze, onze e meia, chegava lá super correndo, nem almoçava nessa época, ainda não tinha o FESP, eu comia alguma coisa aqui e pegava às doze e voltava(...) era essa correria(...).

Com relação à moradia, especificamente, em razão de grande parte destes estudantes residir em bairros extremamente distantes da PUC-Rio, alguns deles se mudam para apartamentos pequenos situados nas proximidades da Universidade. Há casos em que (sendo orientados pela própria equipe da Pastoral), contam ainda com auxílio-moradia.¹⁵ Para estes jovens, os familiares passam a ser os novos amigos com os quais irão dividir os novos espaços. É, ainda com eles, que irão compartilhar as dificuldades materiais, acadêmicas e todas as outras. Embora, no princípio, visitem com frequência seus familiares, estas diminuem gradativamente, frente aos muitos compromissos que têm com a vida acadêmica. Houve depoimento apontando certa sensação de estranhamento que vivenciam alguns jovens quando retornam aos seus bairros e não se sentem mais identificados com o lugar ou com os antigos conterrâneos.

Eo/26 - É muito complicado porque... quando você está aqui, você não pertence a esse lugar. E quando você não está lá, por mais que as pessoas queiram estudar, você também não é totalmente de lá. Porque você passa a ter um outro tipo de cultura também. Então, as suas conversas acabam já não fazendo parte daquele mundo. Então, às vezes... querem ter uma conversa mais do senso comum e você já... (...) é uma sensação muito estranha! Porque são jovens que já trabalham nas suas comunidades e na verdade eles vêm se instrumentalizar(...) existe... um incentivo pra que a gente se forme e volte pra nossa comunidade. Eles incentivam isso.

P: E isso acontece?

Eo/26 - Nem sempre. Por exemplo, no meu caso não. Hoje eu vejo que eu posso ajudar, auxiliar, enfim, levar algo pra minha comunidade, levar! Mas, estar lá, pra mim não cabe mais. Porque, na verdade, você sair de lá e depois você voltar, aí eu acho que mexe com várias outras questões que eu acho que... são individuais.

Se, por um lado, estes jovens afastam-se gradativa (e inevitavelmente) do convívio de familiares e antigos amigos e são alvos de estereótipos de cunho pejorativo nos espaços de origem – como os de “metidos, esnobes, aburguesados” –, por outro, passam a ser tidos como exemplos de inteligência, persistência, responsabilidade, dedicação. São estas

¹⁵ Ver no capítulo 2 – O Programa de Ação Social – parte destinada ao Fundo Emergencial de Solidariedade da Pastoral (FESP), que explica o modo de funcionamento do auxílio-moradia.

diferentes caracterizações que vão compor a nova identidade dos jovens quando passam a serem estudantes universitários.

Ea/8 - Lá, ou eu sou a metida, ou eu sou a inteligente! Depois que a gente entra, não tem tempo mais pra nada. Não tem tempo mais pra família. O mundo da gente muda. Tudo muda. Eu nem converso mais sobre faculdade lá.

Ea/16 - Ah, eu acho que muda sim. O jeito que as pessoas te olham ou falam de você. Muitos. Outros não. A maioria não, mas tem gente que... às vezes você é até meio que um exemplo, uma referência. 'Ah! Ela conseguiu, você também pode conseguir!'

Ea/15 - Por outro lado acho que tem também a cobrança.(...) Por exemplo, a gente chega num lugar... 'Ah! Estudante de engenharia da PUC!' Então eles imaginam que a gente talvez, tenha que saber muita coisa, ou até mesmo pelo nome da PUC. 'Ah! Vão ser profissionais muito bons!' Realmente é o que a gente busca e o que a gente ouve falar mas, realmente, tem essa questão de ser referência e um pouco de cobrança(...). 'Você estuda aonde?' 'Estudo na PUC'. Então, eles já imaginam que você tem uma base bem forte!

Ea/16 - Às vezes, acham que você é 'patricinha'. Muito engraçado! Até você dizer que é bolsista: 'Ah! Você é bolsista?' Aí quando descobre que é 100% então! 'Caramba! É 100%? Ela estuda lá de graça!'

Ea/15 - Eles acham que o fato de... 'Ah! bolsista 100%!' Mesmo de pré-vestibular comunitário, eles entendem como se a gente tivesse que ser o primeiro colocado do pré-vestibular. Então o fato da gente falar... 'A gente é da PUC', já é uma coisa... a gente falar que é bolsista então! Já imaginam que a gente seja muito 'cabeçudo', porque, imaginam que a gente teve que ser o primeiro lugar pra conseguir'.

Ea/1 - Eu acho que também tem o se tornar uma referência. Na minha família não tinha ninguém que tinha entrado na Universidade ainda. Meus tios, meus avós, nunca ninguém, meu pai estudou até a quinta série e foi dos filhos ainda que estudou bastante. Agora até tem meu primo que passou pra química na UFRJ, mas eu fui a primeira da família a entrar na Universidade. Então foi uma referência! A família toda dizendo... ah a X. agora está na Universidade! Mas na medida que você se torna referência, lá em casa trouxe até um conflito, porque me viam como um espelho, como se a minha irmã tivesse que ser o meu espelho. E somos pessoas muito diferentes, não tem que ser assim. E você leva essa bagagem...(..)

Ea/4 - Você já está num outro... você enxerga de uma maneira o espaço... você volta de outro jeito, de uma outra forma. Você tem um outro olhar. Não um olhar diferente daquela comunidade. Não, pelo contrário. As pessoas passam a querer estudar. Mas a convivência muda muito, até porque a gente fica a maior parte do tempo aqui.(..)

Ea/1 - E a questão de você estar aqui e não pertencer aqui... é muito real, porque o pertencer aqui é como se você fizesse parte da Zona Sul e sempre tivesse almejando a PUC. E isso não fez parte da gente. A gente não vai pertencer jamais aqui! Por mais que venha virar acadêmico e tal... eu não me sinto pertencente da PUC. Eu passo o dia inteiro aqui na PUC e só vou pra casa dormir, praticamente. Mas, eu não sou da PUC. Mas eu convivo muito bem aqui e me sinto bem aqui, muito bem no espaço, na biblioteca, do RDC, qualquer ambiente da PUC. Me sinto bem em estar aqui. Está em casa e você estando estudando na PUC, quando você fala pra alguém que está estudando na PUC vem logo por trás... 'Ah! Você estuda na PUC? Como é que você paga?' Aí você tem que vir com o discurso... 'Não. Eu sou bolsista!'

A maioria dos pais fica extremamente orgulhosa, principalmente no início da formação universitária. Contudo, vários relatos apontaram um desconhecimento, de alguns familiares¹⁶, sobre o que seria uma instituição de ensino superior e o que representa a entrada de seus filhos neste contexto, especialmente o da PUC-Rio. Curiosos foram alguns relatos trazidos por jovens de que seus familiares e/ou antigos conhecidos somente passaram a se dar conta do que significaria estar na PUC – em termos de estrutura e status institucionais, investimento profissional e cultural e de projeto de vida – , através do contato com alguém proveniente de uma classe social mais favorecida. No diálogo abaixo, duas estudantes de cursos diferenciados falam do momento em que suas famílias tomaram conhecimento do que verdadeiramente representaria ter filhos estudando numa Universidade – e na PUC. As estudantes, que se conheceram no momento da entrevista, encontrariam semelhanças nas histórias de vida e compartilhariam suas experiências entre si e com o pesquisador.

Ea/14 - Meus pais nunca falaram pra eu não fazer o pré-vestibular, porque eles nem sabiam da possibilidade. Então, quando eu entrei, eles incentivaram. Quando eu passei então, foi uma felicidade! Embora eu achasse que eles estavam ali, mas eles não acreditavam muito que eu fosse fazer Universidade. Ainda mais a PUC!(...)Minha mãe nunca veio na PUC, nem meu pai. Não têm noção! Eles têm uma idéia que deve ser o máximo, porque na época... meu pai é motorista. E eu trabalhei um tempo no escritório da empresa onde ele trabalhava na época. (...) E o que era o chefe lá na época, que era o filho do dono, que tava administrando a empresa do pai... (...) O filho do dono da empresa que tava administrando, estudava aqui na PUC.(...) E ele tinha passado pra todas as Universidades e escolheu vir pra PUC, porque ele falou que era a melhor e pra ele a mensalidade da PUC não ia fazer a menor diferença (risos), porque o pai, dono de empresa de ônibus e de outras concessionárias, um milhão de coisas... então, ele... ‘Nossa! O dono da empresa e minha filha estudavam aqui!(...)’

Ea/13 - O que eu achei engraçado, que ela falou de quando ela passou pra faculdade... os pais... a felicidade... eu lembro que eu cheguei em casa e falei: ‘Passei, pra PUC! Passei pra faculdade!’ As pessoas me olharam com uma cara de... ‘e daí?’ Porque ninguém tinha o mínimo de noção! Eu acho engraçado porque a história é muito parecida!(Risos) Porque o meu pai só ficou sabendo o que era a PUC porque no trabalho dele... alguém tava comentando... não sei o que sobre a PUC e ele me ligou e perguntou qual era a faculdade que eu fazia. Aí eu virei e falei que era a PUC. Ele estava no trabalho, estava conversando e alguém também fazia PUC. Era um engenheiro, alguma coisa assim, aí ele me ligou... foi um ano depois de eu entrar na faculdade, foi que ele descobriu o que era a PUC. Porque, até hoje, acho que minha mãe não tem noção, nem ele mesmo! Acho que ele só sabe disso... do que as pessoas falam...

¹⁶ Em razão, provavelmente, da pouca escolaridade ou informação.

Algumas histórias demonstram a discrepância entre a realidade social dos jovens e a dos demais atores da instituição. Serão trazidos dois acontecimentos. O primeiro deles, o de uma jovem, cujo marido trabalharia como porteiro em um condomínio de luxo, quando este descobre que, um dos moradores deste complexo residencial seria professor da PUC-Rio, a mesma Universidade onde estuda sua esposa. Tomemos contato com o relato da estudante e, com o modo como ela percebe e entende este acontecimento, marcado pelo confronto entre realidades tão díspares:

Ea/2 - Meu esposo tava trabalhando de auxiliar de serviços gerais neste prédio e agora foi promovido pra porteiro. (...)Tem um dos moradores do prédio (que é um resort ali no Recreio) que é professor aqui da PUC. Ele viu aquele adesivo no carro do professor e falou:

- 'Você tem filhos... tem alguém que estuda na PUC?'

- 'É. Eu sou professor da PUC.' Aí ele falou:

- 'É. Minha esposa está fazendo psicologia na PUC'.

E esse senhor deu uma risada tipo... 'isso não é verdade... (risos) o cara que limpa o meu chão, que eu passo, está dizendo que a esposa está... é até engraçado!' E1: Está bem! Não, hein! (risos)

Ea/1 - E ele deu uma risadinha e virou assim:

- 'Ah é? Manda ela me procurar no Departamento pra eu conhecer sua esposa. Ele voltou brincando, virou... aí riu, deu uma risada, zoando mesmo... 'Ah, então fala pra sua esposa pra ir no meu Departamento pra eu conhecer.' ...quer dizer... 'Está jogando papo fora esse faxineiro que lava o meu carro pra ganhar um real a mais!'

A segunda história trazida põe à mostra a preocupação dos pais de uma estudante quanto às possíveis conseqüências que poderiam advir do ingresso da filha na PUC-Rio e da interação com jovens de uma outra camada social. É o que explica a estudante:

Ea/14 - Às vezes eu tinha problema pra sair, de um aniversário de alguém... até porque minha família é muito rígida. Tem uma coisa.. o meu pai, às vezes, chegava a falar pra mim... meu pai tinha essa visão: 'Não é o seu mundo, então você não tem que se envolver, você não tem que andar! A sua realidade é outra!'

5.8

A Produção da Subjetividade nos Espaços Demarcados pelo Consumo...

A pesquisa de campo, na sua vertente intitulada ‘observação-itinerante’, propôs-se a trazer dados importantes sobre a circulação dos jovens na Universidade. Foi tendo os próprios estudantes como ‘guias’ que se tornou possível vislumbrar uma cartografia ‘escrita’ corporalmente por estes jovens e que, evidencia peculiaridades próprias de um estudante que esforçar-se, por um lado, em ‘sobreviver’ em território estrangeiro e, por outro, em lidar com os obstáculos que atravessam seus trajetos de acadêmicos.

Alguns depoimentos trouxeram pistas de que a própria Universidade, apresentando espaços de consumo direcionados para um tipo específico de consumidor, acaba delineando uma separação geográfico-espacial entre os grupos ali presentes. Os espaços de consumo da Universidade exigem certo poder aquisitivo e, dessa maneira, acabam influenciando nos trajetos e na circulação dos grupos neste espaço. Aliado a estes aspectos, as próprias diferenças nas realidades sócio-econômicas dos jovens fazem com que os caminhos e as maneiras de apropriação do espaço sejam também diferenciados. Algumas premissas que puderam ser elaboradas a partir das caminhadas pelo campo – tanto do pesquisador, quanto dos sujeitos da pesquisa –, foram corroboradas pelos depoimentos dos jovens no momento em que relatam suas andanças cotidianas e descrevem seus locais de maior circulação e frequência no espaço universitário. O bandeirão, o laboratório de informática e a biblioteca, foram citados, quase que de maneira unânime, pelos jovens nos depoimentos, como os locais mais freqüentados por eles.

Algumas questões já foram mencionadas aqui como possíveis justificativas destas escolhas: a falta de computadores particulares e a ausência de um espaço propício para o estudo nas residências, a impossibilidade de custeio de material didático e a conseqüente utilização do acervo da biblioteca, entre outras questões. No caso do bandeirão, o auxílio-alimentação concedido pela Pastoral acontece, hoje, através da concessão de uma refeição, no horário de almoço ou no do jantar, variando, ainda, de acordo com o turno do curso de cada aluno.¹⁷ Alguns jovens afirmaram que os alunos-pagantes não freqüentam o bandeirão, mas, sim, as lanchonetes de alimentos naturais e um restaurante que os bolsistas afirmam

¹⁷ Ver mais informações no capítulo 2 – O Programa de Ação Social da PUC-Rio.

ser de um custo muito além do que seus orçamentos poderiam absorver. Alguns estabelecem uma ligação entre os locais freqüentados pelos estudantes bolsistas e não-bolsistas e, o poder aquisitivo dos estudantes para consumo. Pode-se, ainda, acrescentar que não somente o poder aquisitivo de cada um determina seus locais de consumo na Universidade, mas também, os locais em que freqüentam fora do espaço universitário, de lazer, também impedem, de certa maneira, uma aproximação maior entre os estudantes das diferentes classes. Vários deles apontaram como empecilho desta aproximação, tanto a distância entre os bairros em que residem, como os custos dos lugares que freqüentam na cidade. Assim sendo, a PUC pode ser vista como um reflexo ou uma réplica da cidade, inserida em um contexto da sociedade de consumo mais amplo. Certos diálogos ilustram bem a questão dos locais de consumo enquanto produtores de espaços de socializações mas, também, de segregações entre os estudantes.

Ea/17 - Mas, aí depois de alguns semestres(...) quando são pequenas, as diferenças acabam.. É lógico que, de vez em quando, rola a diferença... ‘Ah! Vamos pra tal lugar! Vamos pra Barra!’ Ninguém nunca quer fazer programa na Zona Norte, na Zona Oeste... é tudo Barra! Nem Zona Sul às vezes eles querem, que é até melhor pra mim.

P: E como vocês fazem?

Ea/18 - ...Eu quase não vou.

Ea/17 - ...eu até fui algumas vezes mas, outras vezes eu me estressei por causa disso. E a gente tem uma certa amizade pra chegar e falar... ‘Pô! Vocês só querem fazer as coisas na Barra! É longe pra gente!’ Eu já tenho certa liberdade de falar. Hoje a gente tem isso devido a amizade que a gente criou. Mas... acaba em nada... em branco. Por exemplo, se a gente quer ir pra um lugar que é mais pra Zona Norte... ‘Ah.. não sei ir pra lá!’ ou: ‘Ah! Como é que eu vou voltar?’ Eles não vão. Não vão mesmo! Eu já fui, uma vez ou outra, em programa que eles fizeram por aqui mas... lutei pra fazer as coisas mais pra cá.

Ea/13 - Eu cheguei com medo... muita patricinha! Sabe aquele pessoal totalmente fútil? Mas, agora é outro mundo. Você vai se habituando as pessoas. É lógico que você fica um pouco excluído de não poder ir pra certos lugares, porque a maioria das pessoas combina de sair sexta-feira, de ir pra boate e... se divertir com coisas caras, que você não vai poder fazer.

Eo/21 - A idéia de como está dividido geograficamente, um grupo aqui e outro grupo...(...) o que eu observei desde o início(...) poucas pessoas têm acesso a um serviço que cobra demais. Cobra-se uma quantidade que, às vezes, eu não tenho disponível pra aquele trabalho. Um exemplo: Nem tive o contato porque eu não tive coragem de chegar, mas... o Fast Way... (...) Dizem que tem uma tabela de preços que está acima do que eu posso cogitar. Então, ali, é obvio que eu não vou ficar! (...) Então, ali há o predomínio de uma galera que domina essa parte. Não sei se alguém chega a ter preconceito, algumas pessoas têm meio dificuldade de entrar nesse mundo, mas acho que é uma seleção natural... mas eu acho que é natural... como em outros lugares...

P: Vocês lancham onde?

Todos: Aaaaaaaaah! (risos!)

Eo/23 - Às vezes a gente nem come!

Eo/21 - Quando lancha, quando não traz de casa, quando não repassa, a gente racha, ou o R. traz o biscoito, a gente reparte...(…)

Eo/23 - *Bandejão* passa uma idéia de coisa pra massa, pra galera.(…)

Eo/21 - Aqui o ‘bandejão’ não tem no vocabulário deles.

Eo/22 - Aqui é o estilo piquenique. Traz pra todo mundo, todo mundo que tem divide…

P: Mas e quando não tem e vocês têm que comprar. Vocês compram aonde?

Eo/22 - Ah... salgado lá fora!

Ea/2 - Eu falo com todo mundo, mas eu não faço os mesmos programas, porque os programas exigem uma questão financeira... o pessoal não vai comer no bandejão, o pessoal vai comer no Gourmet. Então tem hora que a gente tem que se afastar mesmo e ir pra determinados lugares que...

As histórias aqui relatadas refletem, em sua maioria, a falta de disponibilidade de tempo diante de uma jornada de atividades extensa, que impede que alguns deles participem de espaços de sociabilidade que os outros estudantes usufruem (como freqüentar bares escolhidos como pontos de encontro dos estudantes ao redor da PUC, as festas promovidas pelos cursos para recepção dos calouros, a Vila dos Diretórios) ou, mesmo, uma participação mais ativa no movimento estudantil da Universidade, organizados pelo Centro Acadêmicos - CAs e pelo Diretório Central dos Estudantes – DCE. Grande parte dos bolsistas realizam um trajeto que inclui as salas de aula, a biblioteca, o laboratório de informática, a Pastoral – mensalmente para assinatura do recebimento dos auxílios alimentação e transporte. Outros são mais freqüentemente direcionados pelos compromissos relativos às atividades de cunho acadêmico¹⁸.

¹⁸ Ao que as entrevistas levaram a crer, alguns estudantes até começam a participar dos espaços e momentos de entretenimento na Universidade, como a Vila dos Diretórios, os bares e algumas festas. Contudo, dentro do rol dos entrevistados, coincidentemente estes são aqueles que ainda estão no princípio do curso de graduação, nos primeiros períodos, o que pode ser um sinalizador.

5.9

“Correndo Atrás” e Criando Redes de Apoio no Enfretamento das Diferenças Sociais

No diálogo travado pelo grupo a seguir, fica evidente o quanto a entrada na Universidade teria aumentado suas jornadas de atividades diárias. Inclusive a de que falta tempo para o lazer e para os momentos de socialização. Vejamos o que dizem:

Ea/10 - (...)Eu tenho aula de segunda a sábado. E eu trabalho, tiro duas folgas por semana, então, chega feriado, final de semana, a única coisa que eu quero saber...

Ea/11 - É dormir!! (risos)

Ea/10 - Ver o que está faltando fazer, pra terminar logo, pra dormir! Aí eu fico... eu esqueço o mundo... uma coisa horrorosa!

Ea/11 - A vida social acabou!(risos)

Ea/10 - Acho que, se meu namorado não estudasse comigo, nem namorado eu teria. É sério!(risos)

Ea/17 - Então, desde o início eu já *corri atrás* de coisas, estágio, iniciação científica pra ter dinheiro, porque, meus pais não me bancam. Então, isso é mais uma dificuldade que a gente tem. A gente tem que conciliar todas as matérias, ter tempo pra estudar, ter tempo pra ganhar dinheiro, às vezes dar aula fora...

De volta aos caminhos percorridos diariamente pelos alunos-bolsistas, é importante sinalizar que, se a Universidade tem em sua estrutura e lógica de funcionamento a função de atender um público determinado de aluno e se, esse aluno apresenta perfil extremamente distinto do estudante de origem popular, por outro lado, este último faz uso de maneiras criativas de se apropriar do espaço e de burlar os entraves advindos do sistema burocrático mais amplo. Dentro do conjunto de alternativas por eles encontradas, a circulação em alguns espaços e não em outros são algumas delas.

Podem-se encontrar esses modos criativos (que Certeau denominaria ‘*táticas*’¹⁹), em função da sobrevivência, no seu sentido mais literal – alimentação, transporte, acesso ao material didático – mas também, em função de uma participação e socialização junto aos outros estudantes. A expressão ‘*correndo atrás*’ foi utilizada por vários entrevistados quando descrevem o modo como resolveriam os problemas e impasses do cotidiano. A rede de apoio, citada como ferramenta importante no amparo ao período antecedente à entrada

¹⁹ O conceito de táticas, proposto por Certeau, pode ser mais bem compreendido no capítulo 3.

do estudante na Universidade, também exerce o mesmo papel durante o período de graduação. Dentro da Universidade, os estudantes (alguns deles), formam grupos, geralmente todos bolsistas e cria-se uma rede de apoio que subsidia seus trajetos e possibilita a criação de estratégias coletivas de enfrentamento das dificuldades. É o que fica claro nos depoimentos em destaque:

Eo/21 - É. Um ajuda o outro.

Eo/25 - Na primeira semana que eu cheguei aqui, ele me ajudou pra caramba! Eu cheio de medo... aí vamos lá, faz o trabalho... se tirar nota baixa eu sou mandado embora daqui, entendeu? E eu passei pra UERJ, mas não fui matriculado. E ele já foi, eu não fui. Aí eu liguei pra ele... maior apoio que ele me deu! As palavras que ele me deu me animaram 'à beça'! Eu tava de cabeça baixa há uma semana, poucos perceberam. No trabalho... muita tristeza! E ele que me apoiou!

Eo/23 - As pessoas estão aqui, têm dificuldades e são guerreiras! Dão ênfase pra continuar. Tudo isso é um estímulo. Esse pessoal é muito importante. Acho que não seria eu aqui, se não fosse a galera que está aqui, por exemplo...

Ea/2 - O professor comenta sobre um livro na sala, amanhã você vê aquelas pessoas com o livro na sala. É um pessoal que: o que eles querem eles tem!

Ea/3 - A gente tem que ficar naquela fila da biblioteca de reserva... (risos)

Ea/4 - A gente, quando não tem um livro na biblioteca, a gente tem que pedir...

Ea/2 - A gente fica desesperado, na verdade, a gente quase chora. (risos)

Ea/1 - A gente fica desesperado porque dinheiro a gente não tem pra 'xérox'.

A gente procura nessa rede que a gente faz aqui de apoio, rede social, a gente procura colegas que já fizeram a disciplina, que geralmente os professores dão os mesmos pra emprestar os textos, então a gente repassa essa 'xérox' todas entre nós... vai repassando... ou então, por exemplo, eu e a X... a gente faz muito isso... a X. às vezes tira 'xérox', ou então arruma emprestado com alguém e a gente senta na biblioteca, uma do lado da outra, eu leio uma folha, ou ela lê uma folha, a gente vai passando, trocando e lendo ao mesmo tempo.

Ea/4 - Por mais que a gente esteja num outro ambiente diferenciado da comunidade...

Ea/2 - A gente tem o espírito de comunidade.

Ea/1 - ... essa rede continua.

5.10

Classes Populares e Elite: “Táticas” de Confronto e Negociação

Quando se inicia uma pesquisa sobre a experiência de estudantes de espaços populares numa Universidade privada de ensino –, como é o caso PUC-Rio –, é comum associá-la imediatamente a situações de preconceito e a uma impossibilidade de interação entre jovens provenientes de realidades sociais tão distintas. Após as entrevistas e as

observações no campo, pode-se perceber, definitivamente, as dificuldades que enfrentam estudantes de espaços populares num espaço ‘estrangeiro’. Além dessas, a interação dos estudantes com os demais alunos é sofrida, tendo em vista as sensações de estrangeirismo, de deslocamento, de inadequação que parecem vivenciar, especialmente no início da experiência universitária.²⁰

Entretanto, vários discursos apontaram para modificações de antigos valores e velhos estereótipos por parte dos bolsistas, propiciadas através do contato diário com os demais alunos da instituição acadêmica. Se, de um lado, o impacto da entrada e do contato com os estudantes das classes média/alta causou apreensão (e, porque não dizer, angústia e sofrimento), de outro, estes jovens foram encontrando maneiras de lidar com este contexto diverso. Gradativamente, os estudantes parecem ter encontrado “denominadores comuns”, o que tornou possível a interação e a aproximação com os demais. Foram bastante freqüentes falas de jovens no sentido de terem anteriormente uma representação negativa acerca dos das ‘elites’ e, na medida em que vão interagindo com os estudantes nas salas de aula e, nos demais espaços universitários, alguns reconhecem terem modificado seus antigos pensamentos. É, neste momento, que percebemos a possibilidade real de aproximação entre estes estudantes e os demais. Alguns discursos sinalizaram mudanças nas concepções. Certos entrevistados mantiveram seus pontos de vista em relação às características atribuídas aos estudantes das ‘elites’, mas reconhecem, em contrapartida, que não se aplicariam a todos, de forma generalista.

Ora, as realidades são diferentes e isto é um fato. A todo o tempo, os estudantes lembram-se –: lembram-nos com suas palavras –, o quanto as diferenças entre as realidades sociais e culturais são díspares. Estas diferenças vão desde o poder aquisitivo, incluindo neste quesito indiretamente os locais de circulação e consumo na Universidade e na cidade, as prioridades, até os valores e modos de ação/participação. Mas, também, certos jovens nos trazem relatos de aproximações, dando indícios de que a interação é possível, apesar destas diferenças.

Os modos como os estudantes percebem a interação e a expressam verbalmente diferem entre si. Há aqueles que afirmam terem amigos bastante próximos de outro contexto social, estendendo a convivência para além dos limites da PUC. Há, de outra

²⁰ Estas questões já foram mencionadas e ilustradas pelas vozes dos estudantes no decorrer deste capítulo.

maneira, os que acreditam na possibilidade de uma convivência harmônica e cordial com estes outros estudantes, mas restringindo-se à relação intra-muros da Universidade. Neste último caso, o contato é mediado necessariamente por interesses acadêmicos, isto é, o momento em que estão próximos acontece preferencialmente quando estão na condição de alunos, dentro do espaço da Universidade. Entretanto, houve os que reconheceram a possibilidade de uma aproximação com os demais, mas que, não chegava a formar-se um laço de amizade mais estreito. Em certos casos, o próprio fato de serem alunos e de terem que realizar atividades acadêmicas coletivamente, acabara sendo o responsável por ampliar a convivência e a intimidade. Foram vários e diferentes os modos como os estudantes da pesquisa vivenciaram e perceberam o período de adaptação ao novo espaço e de interação com os demais estudantes. Dito isto, recorramos, mais uma vez, às suas próprias percepções.

Ea/15 - Ah! Agora agente aprendeu mais... se a gente não teve aquilo que eles fizeram, a gente não vai deixar de ter amizade ou de participar das conversas por causa disso. Eu acho que, a gente aprendeu a lidar um pouco com isso, sabe. Quando a gente chegou... a primeira vez que a gente saiu com eles, que a gente viu eles falando... das viagens, das coisas, e a gente não tinha o que falar, então a gente ficou um pouco inibido. Mas, depois, a gente viu que a realidade é diferente, a gente não tem como fugir, não tem que como fugir dessa diferença.

Ea/16 - A gente escolheu um pouco as amizades também. Agora a gente tem umas amizades que.. aquelas... a gente não tem mais contato.

P: Ah! Entendi. Vocês se aproximaram mais de pessoas que têm a realidade mais parecida?

Ea/15 - Não. Até as que têm realidades diferentes. Mas só que, são pessoas mais legais, que conversam mais, que não ligam tanto pra isso, que nem citam isso às vezes, que não tão nem aí, que conversam de outras coisas, sabe.

Ea/16 - Mas até que no nosso curso a gente encontrou pessoas... no começo foi difícil porque... a gente fazia matérias que eram comuns à Engenharia. Então, eram todos os cursos. Depois que foi ficando mais a Química a gente tem um grupo muito bom.

Ea/15 - Um grupo pequeno

Ea/16 - É. Um grupo pequeno, mas unido.

P: E nesse grupo, tem gente que veio de pré-vestibular e tem gente que não? É misturado?

Ea/15 - Tem. (...)Do pré-vestibular comunitário são as cinco, mas...

Ea/16 - Têm outras pessoas.

Ea/5 - A gente tem até um certo preconceito de achar que todas as pessoas que tem dinheiro também são esnobes e que não gostam de pobre e foi bom que eu aprendi que tem muita gente que tem dinheiro e que é bastante humilde também e está interessado no ser humano em si e não só por essa questão econômica ... então eu aprendi bastante.

Ea/20 - Eu me surpreendi quando eu cheguei aqui e vi a recepção dos não-bolsistas. São muito bacanas.

Eo/25 - Foi legal, foi muito legal!

Ea/20 - Não tem diferença.

Eo/22 - É. Inclusive eu me lembro bem do X. do CA(...) lembro do discurso que ele fez pra um bando de alunos, esse ano. (...)Ele falou do Centro Acadêmico e os calouros reunidos, e eu prestei atenção no que ele falou e eu vi que ele... “E aí o Brasil está bom pra vocês?” Um silêncio. E eu senti que, pra maioria, talvez estivesse mesmo. E eu achei até legal o que ele colocou: “Está bom pra grande maioria aqui que pode pagar isso aqui!”(...)Vocês tem que botar na cabeça que vocês têm que conhecer tudo e não fechar a cabeça só no mundinho de vocês, na Zona Sul, na cobertura(...)

Eo/21 - ...Foi logo no primeiro dia. Foi até um discurso interessante que a gente começou a falar... de bolsistas... e tinha uma amiga com a gente que não era, e aí todo mundo ficou... esperando a reação dela... tipo... criticar alguma coisa...

Eo/23 - Desmaiar... (risos)

Todos: (risos)

Eo/23 - Vomitar.. (risos)

Eo/21 - Aí ela virou e fez assim... que máximo, cara! Aí... todo mundo ficou assim... e ela: “Eu tenho orgulho de vocês. Isso mostra que vocês têm condições de estar aqui, só não tem a parte da condição financeira, mas no universo de pessoas que fizeram prova, que fizeram pro ENEM(...), vocês tão dentro de uma faculdade como a PUC...!” E uma pessoa falar que tem orgulho daquelas pessoas que ela acabou de conhecer, pessoas que conseguiram entrar pelo PROUNI, que conseguiram a bolsa de 100%!” Eu fiquei... o final do dia todo pra ficha cair e entender que... e realmente não era falso! Não era nada da boca pra fora! Muito pelo contrário, é realmente dela! Eu não vou falar que não têm pessoas que não vem e não conversam com a gente. Mas tem algumas pessoas que tão mais próximas, têm outras pessoas que conversam, mas não são bolsistas...”

Ea/1 - (...)Por mais que a gente tenha amigos... um ato de amizade bem forte até com quem não é bolsista e tal, amizade vai além disso mas... só que a gente tem nossa rede de apoio.... a gente sabe.. eu posso contar com a X., com a Y. e com a Z. Só nós sabemos das nossas problemáticas. Praticamente é só com a gente que a gente pode contar.

Ea/19 - Eu gosto de lembrar muito bem que: tem pessoas que eu gosto, que eu tenho contato mas, não participam do meu mundo. São mundos diferentes! Pra mim isso é fato! Por mais que goste, que em algum momento você encontre, mas tem coisas que são diferentes! Desde a leitura de livro, as viagens, ao carro, ao dinheiro que tem na carteira, tudo! São mundos diferentes. Não dá pra se misturar... (...)Eu acho que... eu criei amigos depois e, hoje eu tenho um ciclo de amizade que é distante ainda... (...)de bolsistas e não-bolsistas. Na verdade as minhas duas amigas que eu tenho contato e já dormi na casa, que já fui, não são bolsistas. Mas a gente até teve pouco contato por causa das disciplinas que você vai fazendo várias coisas, mas elas não são...

Eo/28 - Pelo fato de você ter que trabalhar, né.

Eo/28 - (...)lá no meu curso tinha a G. que fazia um churrasco na casa dela e ela sempre chamava todo mundo e tal. Cobrava uma grana de cada um. A gente compartilhava, sim. O trabalho de campo que a gente faz, isso acaba aproximando também a turma, apesar de ter ido a poucos trabalhos de campo, você fica dois, três dias com a galera... sinto muita saudade da minha turma. Eu achei que a minha turma... aliás até quem entra na minha turma lá notava essa diferença. É muito difícil estar havendo essa separação, que geralmente é o que acontece. Geralmente os bolsistas andam juntinhos e galera que não é...

Ea/19 - (...)e a coisa da faculdade em si(...), está todo mundo no mesmo bolo, final de período, todo mundo passando pela mesma loucura, por um motivo ou por outro, todo mundo não leu o texto ou leu o texto ou não gosta daquele professor, então você vai vendo

que têm coisas maiores que perpassam essa... o lugar que você vem, por mais que tenha um momento que... mas acho que vai sendo mais diluído.

Ea/11 - E o relacionamento com os alunos é meio a meio(...).Têm pessoas que são maravilhosas e têm algumas pessoas... (risos). Mas eu acho que, aí é da personalidade mesmo das pessoas em si. Eu não vejo nem agora como condição social delas pra elas serem assim, mas personalidade, forma como elas foram criadas, não está adaptado ao mundo, não tem uma visão mais ampla de mundo, está sempre com aquela mesma relação de amigos. Antes eu até julgava essa questão deles.. ‘Como é que essas pessoas podem ser assim?’ Mas, com o passar do tempo, a gente vê que... são pessoas que não têm... é uma visão limitada...

Ea/10 - Eu fico abismada! Um garoto... ele conhece as mesmas pessoas desde quando ele era pequenininho. Ele está grande, não sabe fazer nada sozinho! Aí um colega explicou pra ele: ‘Vai fazer processo seletivo pra ver se você consegue um estágio ou emprego!’ E ele falou assim: ‘Eu? Trabalhar? Eu vou trabalhar como? Eu não sei fazer nada! Eu vou falar pro meu pai que eu vou trabalhar, ele vai rir muito!’(risos) Eu falei: ‘Cara! Que isso! O menino é mais velho do que eu!

Ea/13 - No começo foi pior porque eu... não queria ir na casa de ninguém, eu não queria sair com ninguém, até porque eu não bebia e, geralmente eles saiam pra beber e tal. e não era muito a minha. (...)Na realidade, quando eu entrei na PUC, eu sentava na sala de aula e eu não falava com ninguém.(...) Não importava quem fosse, sabe, nem com os professores eu não falava. Eu sentava, anotava o que tinha que anotar e ia embora. Eu fiz isso durante um semestre. Depois, no segundo semestre, as pessoas que vieram falar comigo. ‘Poxa, mas por que você não fala..?’ Inclusive, foi até uma amiga minha que também é bolsista e começou com isso... ‘Pô, mas que isso! Por que você senta sozinha?(...)’ Foi aí que a gente se conheceu. Devido à influência dela, que já conhecia o pessoal da turma, saía com o pessoal da turma, é que eu acabei conhecendo o resto do pessoal e vendo que não é da forma que eu pensava. Que o meu medo era... todo mundo tem dinheiro e você não tem! Então... eu posso dizer isso hoje... eu queria me proteger do que eles poderiam falar ou fazer contra mim... e, na realidade, não tinha nada que eles podiam fazer contra mim. Eu que me excluí durante seis meses, de participar de várias coisas: Eu não fui na minha ‘chopada’, eu fugi do trote (risos), mas, totalmente problema meu mesmo! Mas qualquer problema, quando a gente entra na faculdade, é isso, você sente muita dificuldade de achar que você pertence ao grupo. Porque, como é que eu vou pertencer a um grupo que tem gente que tem grana pra caramba? Eu, vindo da Baixada Fluminense? Eu falava ‘*Belford Roxo*’ todo mundo.. ‘Onde? Como assim?’ Ninguém sabe onde eu moro, ninguém sabe perto de onde é! Às vezes, até alguns que moram em São Paulo, passam ali pela Dutra e... ‘Descobri onde você mora, vi *Belford Roxo*.’ Aí acham que você mora ali na Dutra... ‘Ali naquelas coisinhas ali Dutra.’ risos. É muito engraçado! Mas agora...

P - Você já se sente parte ali do...?

Ea/13 - Já.

P - E as pessoas mais próximas, que você já se aproximou mais, ficou mais amiga, são bolsistas, não bolsistas...?

Ea/13 - É misturado. É muito misturado. Tem essa menina que continua sendo minha amiga, ela é bolsista, mora comigo agora. Mas o meu melhor amigo da faculdade não é bolsista, e nada disso impediu a amizade, entendeu? É uma pessoa muito legal.

As considerações precedentes remetem a duas questões centrais. Em primeiro lugar, a aproximação entre estudantes de várias classes e realidades sociais distintas é fundamental para desconstruir estereótipos, preconceitos e minimizar o abismo existente entre os indivíduos na sociedade mais ampla.

De outro lado, não se pode negligenciar o fato de que essa experiência de convivência com a alteridade – especialmente no caso dos jovens da pesquisa estando em número minoritário e em espaço estrangeiro, sem falar nas muitas outras dificuldades –, se realiza às custas de sofrimentos, impasses, angústias etc. Neste sentido, há que se pensar em estratégias e/ou projetos que atenuem estes sofrimentos, ou seja, que sejam capazes de tornar seus trajetos menos árduos e penosos. É neste sentido que a contribuição da psicologia se faz necessária. Há que se refletir coletivamente na criação de estratégias e/ou propostas de intervenção no âmbito da psicologia que cumpram esta função: a de subsidiar (e amparar) os jovens de baixa renda que ingressam no espaço universitário da PUC-Rio, possibilitando uma trajetória mais amena na tentativa de preencher as várias lacunas deixadas por uma sociedade desigual.